

2º CICLO DE ESTUDOS

MESTRADO EM ENSINO DE GEOGRAFIA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO

A importância do Estágio Pedagógico em Geografia

José Carlos Pereira Marques

M

2025



José Carlos Pereira Marques

A importância do Estágio Pedagógico em Geografia

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do
Ensino Básico e no Ensino Secundário

Orientado pela Professora Doutora Fátima Matos

Orientador de Estágio, Professor Ricardo Coutada

Supervisora de Estágio, Professora Cristiana Martinha

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2025

Dedico este trabalho à minha família e à minha avó (*in memorium*)

Sumário

Declaração de honra	5
Agradecimentos	6
Resumo.....	7
Abstract	8
Índice de Figuras (ou Ilustrações).....	9
Índice de Tabelas (ou Quadros)	10
Lista de abreviaturas e siglas [se aplicável].....	11
Introdução.....	12
1.Enquadramento Teórico	14
1.1 O Estágio supervisionado em Ensino	14
1.2 O Estágio Supervisionado e a Integração entre Teoria e a Prática.	19
1.3 O Estágio Supervisionado e o Papel da Supervisão.....	20
1.4 O Estágio Supervisionado e a Construção da Identidade Docente	23
2.A minha experiência enquanto professor sem ter realizado a Prática de Ensino Supervisionado (PES).....	32
3.O estágio supervisionado na Escola Secundária Augusto Gomes.....	46
3.1. Caracterização do contexto escolar	46
3.2. Caracterização e oferta educativa da ESAG	49
3.3 O estágio supervisionado	51
Considerações finais.....	65
Referências Bibliográficas	67

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de partes do presente relatório, encontrando-se todas as interações transcritas em anexo.

I hereby declare that this thesis/dissertation/report is of my authorship and has not been used previously in another course, degree, curricular unit or subject, at this or any other institution. References to other authors (statements, ideas, thoughts) scrupulously respect the rules of attribution and are duly indicated in the text and bibliographical references, in accordance with the rules of referencing. I am aware that the practice of plagiarism and self-plagiarism is an academic offence.

I further declare that I have not used generative artificial intelligence tools (chatbots based on large language models) to carry out part(s) of this thesis/dissertation/report, and that all interactions (prompts and responses) have been transcribed in the annex.

Porto, 18 de Junho de 2025

José Carlos Pereira Marques

Agradecimentos

Agradeço a todos os envolvidos neste processo que me ajudaram a realizar este sonho.

Resumo

O estágio supervisionado é uma ferramenta importante para os futuros professores experienciarem a realidade da sala de aula com a ajuda de um professor cooperante experiente que ajuda nesta integração do futuro professor no ambiente da escola.

Neste relatório, foquei-me em demonstrar todos os ganhos qualitativos que adquiri ao longo do estágio pedagógico, pois este permite capacitar os futuros professores ao adquirir todo um conjunto de conhecimentos que contribuem para a docência em Geografia ao longo dos anos seguintes. Como previamente ao estágio já tinha tido a experiência de ter lecionado aulas, faltava-me vários atributos pedagógicos e organizacionais para melhorar enquanto profissional, estes incrementos qualitativos foram sendo adquiridos através do estágio com a ajuda e supervisão do professor cooperante num ambiente mais controlado e organizado, todo este aprendizado foi-se construindo de forma morosa e complexa, com diversos obstáculos, mas que me permitiram refletir e testar diversos objetivos previamente definidos.

Através da leção em turmas do 7º, 10º, 11º e 12º ano, na disciplina de Geografia, fui consolidando a minha forma de ser enquanto professor e vários elementos tiveram de ser alterados com o decorrer das aulas, desde os *Powerpoints* até à forma de realizar fichas de avaliação, isto porque há sempre espaço para melhorar enquanto professor, temos que procurar aprender no dia-a-dia e tendo na sala de aula um professor cooperante com vários anos de experiência ajuda-nos a ganhar novos conhecimentos e também permite que os alunos tenham uma melhor experiência na sala de aula.

Palavras-chave: Geografia, Ensino, Lecionar, Turmas, Escola

Abstract

Supervised teaching practice is an important tool for future teachers to experience the reality of the classroom with the support of an experienced cooperating teacher who assists in the integration of the trainee teacher into the school environment.

In this report, I focused on demonstrating all the qualitative gains I acquired throughout the pedagogical internship, as it enables future teachers to acquire a set of knowledge that contributes to teaching Geography in the years to come. Although I had already had experience teaching classes prior to the internship, I lacked several pedagogical and organizational attributes needed to improve as a professional. These qualitative improvements were gradually acquired through the internship with the help and supervision of the cooperating teacher in a more controlled and organized environment. This learning process was built slowly and complexly, facing several obstacles, but it allowed me to reflect on and test various pre-defined objectives.

Through teaching Geography to 7th, 10th, 11th, and 12th-grade classes, I gradually shaped my identity as a teacher. Various elements had to be changed as the lessons progressed — from PowerPoint presentations to the way evaluation worksheets were prepared. This is because there is always room for improvement as a teacher; we must seek to learn daily. Having an experienced cooperating teacher in the classroom helps us gain new knowledge and also allows students to have better classroom experience.

Key-words: Geography, Teaching, Learning, Classes, School

Índice de Figuras (ou Ilustrações)

FIGURA 1: DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHADORES POR CONTA DE OUTREM, POR SETOR DE ATIVIDADE NO CONCELHO DE SERNANCELHE	34
FIGURA 2: LOCALIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PADRE JOÃO RODRIGUES EM SERNANCELHE.....	36
FIGURA 3: LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIO AUGUSTO GOMES	47
FIGURA 4. SLIDE DE UMA APRESENTAÇÃO DE 12º ANO SOBRE OS ATORES DA GLOBALIZAÇÃO.....	57
FIGURA 5. SLIDE DE UMA APRESENTAÇÃO DE 12º ANO SOBRE AS EMPRESAS TRANSNACIONAIS	58
FIGURA 6. SLIDE DE UMA APRESENTAÇÃO DE 12º ANO SOBRE O CONFLITO ISRAELO-ÁRABE.....	59
FIGURA 7. EXERCÍCIOS DE VERDADEIRO E FALSO REALIZADOS NA TURMA DO 10º ANO	62
FIGURA 8. EXERCÍCIOS DE VERDADEIRO E FALSO REALIZADOS NA TURMA DO 10º ANO	63

Índice de Tabelas (ou Quadros)

TABELA 1. POPULAÇÃO RESIDENTE NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE SERNANCELHE	36
TABELA 2. INFORMAÇÃO RELATIVA AOS CONCELHOS EM 2021. EXTRAÍDO DOS CENSOS, 2021.	48
TABELA 3. PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO EMPREGADA POR SETOR DE ATIVIDADE EM SERNANCELHE E EM MATOSINHOS. EXTRAÍDO DOS CENSOS, 2021.	49
TABELA 4. CALENDÁRIO DAS RONDAS E DAS SUPERVISÕES.	52
TABELA 5. EXERCÍCIOS REALIZADOS NO 11º ANO EM FORMA DE TABELA SOBRE AS REGIÕES AGRÁRIAS.	61

Lista de abreviaturas e siglas [se aplicável]

AE.....	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS
ESAG	ESCOLA SECUNDÁRIA AUGUSTO GOMES
FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
IPP	INICIAÇÃO À PRÁTICA PROFISSIONAL
MEG	MESTRADO EM ENSINO DE GEOGRAFIA
PASEO.....	PERFIL DO ALUNO À SAÍDA DA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA
PES	PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA
RE	RELATÓRIO DE ESTÁGIO
UP.....	UNIVERSIDADE DO PORTO

Introdução

O estágio supervisionado é muito mais do que começar a lecionar aulas, é o primeiro passo para os futuros professores conhecerem a realidade social das escolas, e vivenciarem um primeiro contacto com os alunos dentro da sala de aula.

O presente relatório de estágio foi elaborado ao longo do ano letivo de 2024/2025 com o intuito de comparar a minha experiência do ano anterior a lecionar no Agrupamento de Escolas Padre João Rodrigues em Sernancelhe, sem ter frequentado o estágio pedagógico obrigatório no Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, com a que ocorreu durante o estágio na Escola Augusto Gomes, em Matosinhos.

Partindo do pressuposto que a experiência é essencial para a aprendizagem e nem tudo o que se aprende na universidade é reproduzido exatamente da mesma forma na realidade escolar, o estágio pedagógico supervisionado, para os estudantes que frequentam o último ano do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, proporciona, desde logo, um suporte para a integração do estudante-estagiário que permite facilitar vários processos e acelerar os métodos de ensino.

O estágio supervisionado promove a aprendizagem e permite ao estudante-estagiário a possibilidade de dominar os diferentes instrumentos teóricos e práticos que são essenciais para a execução das funções de docente, adquirir experiência, promover o desenvolvimento no campo profissional de todos os conhecimentos, capacitando-o como profissional pronto a lecionar no futuro sem restrições jurídicas.

Apesar de concordar que a Prática de Ensino Supervisionado (PES) é de facto um facilitador das aprendizagens, pois promove diferentes valências pelo simples facto de estar organizado pela faculdade, ter um professor-cooperante disponível para transmitir o seu conhecimento e prática de ensino, contudo, a escolha das escolas, para realização do estágio, está condicionada pelo facto das escolas disponíveis estarem localizadas na cidade do Porto ou na área metropolitana. Uma realidade, muito diferente, quer ao nível das condições e da qualidade das escolas, quer em

relação ao contexto escolar e socioeconómico comparativamente com as escolas localizadas em contextos rurais de baixa densidade do interior do país.

No entanto o PES não é a única forma de aprendizagem para os futuros professores, é possível, também, aprender sem um sistema pronto para os receber ou sem qualquer tipo de formação académica direccionada para a prática pedagógica.

Assim, o objetivo deste relatório é comparar a minha experiência de lecionação, como professor, durante o ano letivo de 2023/2024 sem ter frequentado o PES e a minha experiência de lecionação enquanto professor estagiário na Escola Augusto Gomes, em Matosinhos, durante o ano letivo 2024/2025.

Este relatório apresenta-se estruturado em quatro capítulos, além desta introdução.

No capítulo procedemos ao enquadramento teórico, apresentando conceitos inerentes à temática, nomeadamente sobre a importância do estágio pedagógico na formação de docentes.

O segundo capítulo corresponde à minha experiência na Escola em Sernancelhe onde tive a oportunidade de lecionar sem ter frequentado o estágio supervisionado, enfrentando assim uma complexidade de dificuldades na docência.

O terceiro capítulo corresponde ao meu estágio supervisionado na ESAG, mais concretamente o seu enquadramento geográfico, caracterização geral e aprendizagens.

1. Enquadramento Teórico

1.1 O Estágio supervisionado em Ensino

O estágio do MEG é obrigatório através do Decreto-Lei nº79/2014 visando profissionalizar para a docência em Geografia no 3º ciclo do ensino básico e secundário. Os estágios supervisionados ocorrem em diversos cursos nas mais variadas áreas de formação, como a medicina, farmácia, engenharia ou arquitetura, o estágio é uma modalidade que ocorre em diferentes mestrados nas universidades portuguesas. O estágio, fornece uma experiência prática em contexto real de trabalho, permitindo que os estagiários apliquem os conhecimentos adquiridos, ao longo do seu percurso escolar, e desenvolvam capacidades relevantes para a sua área de atuação, facilitando a sua inserção no mercado de trabalho.

A finalidade do estágio supervisionado em ensino é desenvolver e estimular o futuro professor não apenas a demonstrar o seu conhecimento adquirido ao longo da licenciatura, mas também a sua mais-valia como profissional do ensino, através da prática e da reflexão sobre os diferentes momentos neste processo. O estágio oferece aos futuros professores a oportunidade de imergirem na cultura escolar nas suas mais diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos seus hábitos, costumes e práticas (Queirós, 2014).

De forma a clarificar o conceito de estágio supervisionado visitei as referências de vários autores, pois este conceito não é estanque nem universal, mas todos concordam que o estágio supervisionado é muito importante e até Tardif (2002) afirma que é um dos momentos mais importantes na vida académica de um aluno.

Pimenta & Lima (2005) afirmam que o estágio é o campo de conhecimento que envolve estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções para o ensinar e o aprender, e que compreende a reflexão sobre as práticas pedagógicas, o trabalho docente e as práticas institucionais, situados em contextos sociais, históricos e culturais. Analisando as palavras destes autores percebemos que o estágio é uma ferramenta ampla onde não estamos simplesmente a lecionar aulas, mas sim a

absorver toda a conjuntura que está à volta da sala de aula, observamos a realidade que acontece nas escolas, as vivências, os problemas, um contexto vivo que requer uma adaptação e uma evolução do futuro professor durante o curto período em que decorre o estágio.

Oliveira & Cunha, (2006, p.6) afirmam que “podemos conceituar o estágio supervisionado, portanto, como qualquer atividade que propicie ao aluno adquirir experiência profissional específica e que contribua, de forma eficaz, para sua absorção pelo mercado de trabalho. Enquadram-se nesse tipo de atividade as experiências de convivência em um ambiente de trabalho com cumprimento de tarefas com prazos estabelecidos, trabalho em um ambiente hierarquizado e com componentes cooperativistas ou corporativistas”. Esta definição de estágio supervisionado para além de ser uma definição simples, é entendida como uma atividade que objetiva a aprendizagem do aluno durante a sua formação, porque o estágio abre as portas do futuro professor ao ambiente escolar, sendo a sua primeira experiência como profissional com autonomia onde deve aplicar os seus conhecimentos e praticar a arte de ensinar.

Estagiar não é apenas lecionar aulas, segundo Feldkercher (2009), o estágio é também essencial para proporcionar ao futuro professor enquadrar-se no espaço escolar, conhecer a realidade, diagnosticar os problemas que vão surgindo e ultrapassá-los. Andrade (2005) acrescenta que o estágio é também importante para o futuro professor começar a construir a sua identidade profissional e sentir o compromisso para com os alunos, não sendo suficiente ter o domínio dos conteúdos que vão sendo lecionados, valorizando outras qualidades que os professores devem ter como o planeamento das aulas que é segundo este autor, a ligação entre os conteúdos a lecionar e o contexto social dos alunos, valorizando o contacto que o estagiário deverá ter para com a realidade da sala de aula. O autor, afirma, ainda, que hoje em dia em qualquer área de atividade que o Homem se propõe a formar, dado o volume de conhecimentos produzidos e diferentes inovações que vão surgindo, especialmente no caso dos professores, estes não estão verdadeiramente formados pois existe uma constante transformação nas escolas devido à confluência dos fatores sociais,

económicos, culturais, políticos e até biológicos que exigem aos professores múltiplas competências para os diferentes momentos e para as diferentes situações. Já Nidelcoff (1985) diz-nos que não é suficiente para os docentes, dominar os conteúdos dos manuais, conhecer teorias de aprendizagem, ou as técnicas de ensino e de avaliação dentro da sala de aula, mas sim, para ser professor é necessário conhecer o seu papel como um profissional que ajuda os alunos a ver e a compreender a realidade, expressar-se e expressar a realidade, descobrir e assumir a responsabilidade de ser um elemento de mudança dessa realidade.

Pimenta (2004) descreve o estágio supervisionado como uma preparação para o trabalho coletivo, porque ser docente não é um assunto individual do professor, dado que a escola é o resultado das ações coletivas dos diferentes professores e das práticas institucionais nos diferentes contextos sociais, históricos e culturais.

Para além do estágio promover diferentes experiências, promove, também, uma dimensão de interdisciplinaridade que é necessária para se ser professor, existe segundo Andrade (2005) um confronto entre as várias formulações teóricas, fazendo com que os alunos percebam que a interdisciplinaridade é necessária e no caso da Geografia, existe uma clara necessidade de conhecer sempre mais sobre outras áreas disciplinares, como, por exemplo, a História que é uma área de conhecimento que se entrelaça com a Geografia em vários momentos.

O estágio é no fundo, uma integração entre a teoria adquirida durante a licenciatura e a prática de ensino, é assim uma parte importante, segundo Andrade (2005), para o currículo do professor, dado que o licenciado vai assumir por um tempo curto a sua identidade e sentir na pele a responsabilidade que tem para com os alunos, com a comunidade e com a escola onde se encontra a estagiar onde a diversidade social coexiste, sendo a escola na prática um micro cosmos representativo da realidade social em que se insere.

Para Silva (2016) o estágio é uma forma *locús* para se construir conhecimentos entre os campos teóricos e práticos, específicos e pedagógicos bem como, vivenciar momentos que acontecem na sala de aula como conflitos, debates e criar uma

autorreflexão na construção do professor. É segundo este autor o ecossistema de aprendizagem da profissão de docente e da construção da identidade dos professores onde experimentam os desafios da profissão.

Podemos então assumir, a partir dos autores citados, que para ser professor é necessário vivenciar diferentes contextos, e o estágio é um contexto que dá ao professor estagiário a oportunidade de experimentar e começar a viver o papel de ser um agente influenciador na comunidade escolar, iniciando a construção do seu percurso como docente.

O estágio supervisionado é dos passos mais importantes na formação dos professores, servindo como um espaço privilegiado para a integração entre a teoria acadêmica e a prática pedagógica, permitindo, também, ao futuro docente aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação, enquanto desenvolve as competências essenciais para a execução da profissão em sala de aula. Segundo Nóvoa (1995) o estágio é um período formativo em que o futuro docente encontra pela primeira vez a verdadeira complexidade do ambiente escolar, desde as interações com os colegas e os alunos, as dinâmicas da sala de aula, e todos estes desafios serão essenciais para a consolidação do seu papel como educador.

Este autor, afirma, ainda, que o estágio não pode ser visto através de uma ótica tradicional que encara como uma mera fase de adaptação à profissão, mas sim deve ser encarado como um processo contínuo de formação, onde a experimentação e a reflexão crítica são constantes no processo. Já Pimenta (2014) destaca que os desafios enfrentados ao longo do estágio proporcionam oportunidades para o futuro docente aprender a adaptar-se à realidade escolar, sendo o estágio um processo de aprendizagem constante, o que contribui para a formação da identidade do docente onde este vai acabar por reconhecer as suas limitações, mas também potenciar as suas competências.

Perrenoud, (2012) também concorda que o estágio serve para potenciar as competências do futuro docente dando o exemplo da utilização de materiais que podem ajudar a simplificar alguns processos de aprendizagens, nomeadamente,

através da teoria de aprendizagem ativa de Dewey¹ que exige ajustes para envolver mais as turmas e aumentar o interesse, este processo exige a adaptação de atividades com a utilização de materiais e outros instrumentos como, por exemplo, utilizar garrafas de plástico para simular o ciclo da água ou maquetes para demonstrar o relevo e a formação das bacias hidrográficas.

O estágio supervisionado é um momento de construção de saberes para os futuros docentes, Imbernón (1994) valida esta perspetiva dizendo que o estágio é o momento onde se aprende a articular o conhecimento teórico com a prática, desenvolvendo uma visão crítica sobre o ato de ensinar. Esta abordagem reforça a importância do estágio como um espaço de transformação pessoal e profissional, essencial para a formação de professores comprometidos com uma educação em constante transformação. Alarcão (2003) acrescenta que o estágio é, também, um momento de socialização profissional onde o estagiário absorve os valores e as práticas da profissão, moldando a sua postura ética e pedagógica.

Para Marcelo García (1999) o estágio pedagógico é definido como período de tensões e aprendizagens intensas em contextos desconhecidos por parte do estagiário, esta situação é confirmada também por Martins (2015), referindo que os estagiários encontram uma realidade delicada e conflituosa quando iniciam o estágio sobretudo pelo facto dos futuros professores muitas vezes se sentirem inseguros de não saber responder a alguma questão sobre os conteúdos lecionados perante a turma.

Ainda Martins (2015) aborda que, as dificuldades dos professores atuais é diferentes das gerações anteriores pois o mundo globalizado em que vivemos com avanços tecnológicos, rápidas transformações sociais, ambientais e culturais faz com que os professores tenham de se ir transformando ao longo dos anos, pois não é concebível ensinar da mesma forma como acontecia no passado. O professor deve estar atualizado e usar as novas tecnologias, introduzir os temas que marcam a atualidade e utilizar ferramentas que façam sentido para os alunos de hoje, como vídeos, debates,

¹ John Dewey (20 de outubro de 1859 — 1 de junho de 1952) foi um filósofo e pedagogo norte-americano. A ideia fundamental do pensamento de John Dewey sobre a educação está centrada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno.

mapas e projetos interdisciplinares, esta preocupação, também, é referida por Andrade, (1977) “não se pode ensinar uma geografia meramente descritiva, preocupada com a interpretação de paisagens” (p. 12).

1.2 O Estágio Supervisionado e a Integração entre Teoria e a Prática.

A integração entre teoria e a prática é um dos temas centrais na formação dos professores, sendo o estágio supervisionado o principal momento para ultrapassar a dicotomia entre o conhecimento académico e a realidade escolar. Durante muito tempo, a formação de professores foi marcada por uma abordagem predominantemente teórica, com pouca ligação aos desafios do quotidiano escolar. O estágio supervisionado emerge como um espaço dinâmico onde o futuro professor deve experimentar diferentes estratégias de ensino, testar diferentes hipóteses e verificar como a teoria e a prática são aliadas no processo de aprendizagem.

Zabalza (2013) destaca o estágio supervisionado como uma oportunidade única para se contextualizar teorias, e a testagem das mesmas num meio onde existe muitos alunos com diferentes capacidades de aprendizagem. Por exemplo, a teoria sócio-interacionista de Vygotsky² enfatiza a importância da interação social na aprendizagem que pode ser observada quando um estagiário organiza uma atividade como um debate entre grupos sobre um determinado tema, e percebe que a mediação entre pares facilita a construção do conhecimento. Da mesma forma, os conceitos de Dewey sobre a aprendizagem experimental, torna-se evidente quando o estagiário implementa projetos práticos, como, por exemplo, a criação de um jornal escolar que envolve os alunos ativamente na produção de conteúdo, incentivando a participação e o pensamento crítico. Os trabalhos práticos permitem, ao futuro docente, não apenas aplicar as estratégias, mas também as alterar e adaptar as mesmas em contextos onde muitas turmas são constituídas por alunos muito heterogéneos ou até com dificuldades acrescidas.

² Lev Semionovitch Vigotski (17 de novembro de 1896-11 de junho de 1934), foi um psicólogo russo proponente da Psicologia histórico-cultural, também conhecida como teoria sócio-interacionista.

Freire (1996) argumenta que a prática pedagógica deve ser dialógica e reflexiva promovendo uma dinâmica educativa que respeite a realidade sociocultural dos alunos que na grande maioria das turmas é muito visível. No estágio, esta perspectiva ganha relevância, pois o futuro docente aprende a adaptar as estratégias pedagógicas às especificidades dos contextos escolares, desenvolvendo uma prática mais inclusiva e significativa. O exemplo dado por este autor incide numa escola situada numa área rural com alunos de diferentes origens culturais, em tal situação o estagiário pode incorporar narrativas locais para aproximar os conteúdos teóricos à vivência dos estudantes.

Sobre a reflexão ao longo do estágio como prática constante e progressista, Schon (1983) traz duas perspectivas de reflexão em momentos diferentes, a reflexão durante a prática e a reflexão após a prática. Na primeira, denominada de *reflection-in-action*, o docente por vezes, está a explicar determinado conceito ou matéria e observa que o conhecimento não está a ser entendido, quando se apercebe de tal situação deverá alterar a forma do discurso ou trazer exemplos que facilitem a compreensão, este tipo de situação acontece muitas vezes nas aulas de forma intuitiva. Este processo decorre da reflexão durante a ação.

A outra reflexão que Schon acredita que acontece regularmente com os professores é a denominada reflexão após a prática ou *reflection-on-action*, aqui acontece um processo semelhante, mas será, após a conclusão da aula, quando o professor reflete sobre a mesma e conclui que há melhorias a fazer, neste momento de reflexão surgem novas ideias ou estratégias a implantar nas aulas seguintes para poder ter mais sucesso pedagógico.

Ainda Schon (1983) define metaforicamente que o estágio é um laboratório para os professores estagiários, onde estes podem praticar diferentes estratégias para desenvolver o seu estilo próprio e adaptar as metodologias ao contexto escolar.

1.3 O Estágio Supervisionado e o Papel da Supervisão

A supervisão é um dos pilares do estágio supervisionado, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento profissional do estagiário. Mais do que um processo avaliativo, a supervisão é um espaço colaborativo e dialógico, onde o supervisor atua como orientador e facilitador da aprendizagem. Tardif (2014) defende que a supervisão deve dar todo o suporte ao estagiário na construção do conhecimento pedagógico, deve também oferecer feedback construtivo de forma regular e amigável, esta interação entre o professor cooperante e o estagiário deve, também, destacar os pontos fortes e identificar as áreas que podem ser melhoradas.

Pimenta (2014) reforça que a supervisão deve ser um espaço de diálogo crítico, no qual o professor supervisor observa as dificuldades do estagiário e propõe soluções adaptadas. Por exemplo, se o estagiário está a ter dificuldades na gestão da sala de aula como interrupções constantes, o professor cooperante deve sugerir estratégias para superar tal situação, como, por exemplo, informar quais são as regras a cumprir pelos discentes no início da aula ou a introdução de momentos de pausa estruturados para reorientar a atenção dos alunos. O autor sugere assim um tipo de abordagem personalizada, centrada nas necessidades do estagiário, promovendo uma aprendizagem mútua e colaborativa.

A relação supervisor-estagiário, deve ser baseada na confiança através de uma comunicação aberta. O supervisor deve criar um ambiente onde o estagiário se sinta confortável para esclarecer dúvidas, experimentar novas abordagens e refletir sobre as situações que correram menos bem, sabendo que receberá orientações à posteriori (Nóvoa, 1995). Contreras (2002) complementa, destacando que a supervisão deve fomentar a autonomia do estagiário, permitindo-lhe assumir um papel ativo na sua formação e desenvolver uma prática pedagógica consciente e crítica.

O estágio supervisionado é um espaço vital para o desenvolvimento de competências para os futuros docentes, competências que vão além do conhecimento da matéria a lecionar, abrangendo dimensões cognitivas, interpessoais, organizacionais e também emocionais. Durante este período de formação, o estagiário lida com as responsabilidades do planeamento das aulas, gestão da sala de aula, avaliação dos

alunos, preenchimento de documentos, entre outras, que devido à sua constância acabarão por moldar a prática pedagógica do futuro docente.

O planeamento das aulas, por exemplo, é obrigatório e requer que o estagiário compreenda os temas da disciplina e os estruture de forma coerente, considerando o calendário escolar e a estrutura da turma. Zabalza (2013) destaca que a experiência prática do professor cooperante deve ajudar o estagiário a planificar as aulas às necessidades específicas das turmas, as turmas mais homogêneas terão teoricamente planeamentos de aula mais consistentes. Ainda o mesmo autor refere que a gestão da aula, que por sua vez deve criar um ambiente motivador, pode ser desafiante devido ao surgimento de problemas disciplinares. Aqui o papel do professor cooperante é crucial para sugerir estratégias eficientes para prevenir ou mitigar as situações que possam ocorrer, por exemplo, o uso de reforços positivos, pausas pontuais ou trabalhos de grupo.

A avaliação é outra competência que deve ser desenvolvida ao longo do estágio. Perrenoud (2012) salienta que o estagiário aprende neste contexto diferentes formas de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa) para conseguir monitorizar o progresso dos alunos e adaptar as suas estratégias ao longo do período escolar. A avaliação é um aspeto muito importante pois impacta diretamente as estratégias na sala de aula e a própria disposição dos alunos, este autor, critica os sistemas de avaliação tradicionais que não têm em consideração a diversidade dos diferentes ritmos e contextos sociais dos alunos, esta ideia é compartilhada por Henri Wallon (2011) que enfatiza a necessidade da escola se tornar num espaço onde as dificuldades são identificadas e tratadas de forma individualizada.

Ambos os autores se expressam contra a possibilidade de reprovação dos alunos, considerando a reprovação como um tratamento punitivo altamente prejudicial para o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças.

O desenvolvimento de competências deve criar um equilíbrio entre a teoria, a prática e a reflexão, situação que é destacada por Day (1999) que acredita que o estágio é o momento ideal para a integração destas três componentes. Marcelo García (1999)

concorda e destaca que as competências docentes devem incluir a capacidade de lidar com a diversidade, exigindo ao estagiário, flexibilidade emocional e capacidade de adaptação dos seus métodos de ensino em variados contextos.

1.4 O Estágio Supervisionado e a Construção da Identidade Docente

Os professores, tal como em várias outras profissões, acabam por ter uma identidade própria enquanto profissionais que os distingue dos demais na mesma profissão.

A construção desta identidade docente é um processo dinâmico e contínuo que envolve a integração de várias dimensões: a profissional, a pessoal e a ética. A identidade de um professor não é estática, mas sim encontra-se em contínua transformação através das diferentes experiências, reflexões e interações com os alunos, colegas e a comunidade escolar no geral. O estágio supervisionado, como componente obrigatória na formação dos professores, deve desempenhar um papel substancial neste processo de construção, sendo um espaço onde o futuro docente começa a articular a teoria e a prática, definindo as suas preferências pedagógicas e valores éticos.

A identidade docente, é segundo Zabalza (2013), um conceito complexo que não pode ser reduzido a um conjunto de competências técnicas ou comportamentais. Esta identidade é construída ao longo da carreira, num processo contínuo de aprendizagens e adaptações, onde as experiências vivenciadas no contexto escolar são essenciais para definir esta identidade. Durante o estágio, o futuro docente confronta-se com a realidade da sala de aula e começa a interiorizar a complexidade das dinâmicas escolares desenvolvendo, assim, a consciência crítica e reflexiva sobre a necessidade de se adaptar.

Neste sentido, o estágio supervisionado proporciona ao estagiário a oportunidade de experimentar e refletir sobre as práticas pedagógicas, desenvolvendo a sua postura ética e profissional que estará na base da sua identidade como docente. A reflexão contínua sobre as suas escolhas pedagógicas, ao longo das diversas fases do estágio, é

fundamental para o processo de formação e para o desenvolvimento de uma identidade docente individual (Nóvoa 1992).

A reflexão também desempenha um papel crucial na construção da identidade docente, de acordo com Pimenta (2014) durante o estágio o estagiário tem a oportunidade de articular a teoria pedagógica com a prática. O estágio não é um espaço apenas para receber apoio técnico sobre o que pode ser melhorado, mas é também um espaço para a reflexão crítica, permitindo ao estagiário repensar as suas práticas e ajustar a sua abordagem pedagógica às necessidades dos alunos.

Pimenta (2014) e Imbernón (1994) destacam que a supervisão pedagógica deve ser um processo que favorece a autonomia do estagiário, ajudando-o a consolidar uma identidade docente consciente e alinhada com as opções pedagógicas e valores éticos.

Imbernón (1994) defende que a construção da identidade docente não pode ser dissociada dos valores educativos que orientam as práticas pedagógicas. De acordo com o autor, os docentes são, em última instância, agentes de transformação social, sendo responsáveis pela promoção de uma educação inclusiva e igualitária. No estágio supervisionado, o estagiário tem a oportunidade de alinhar as suas práticas com esses valores, estabelecendo uma postura crítica e reflexiva perante o sistema educativo e os desafios do contexto escolar (Pimenta, 2014).

Alarcão (2003) reforça que a identidade docente se constrói de forma reflexiva e contínua, sendo o estágio uma oportunidade única para o estagiário se posicionar como agente de mudança dentro do sistema educativo. Através de um processo constante de reflexão sobre a sua prática, o estagiário desenvolve um estilo de ensino que não só reflete as suas crenças pedagógicas, mas também as exigências éticas do contexto no qual se insere. O exemplo dado pelo autor é sobre a educação inclusiva, em que do ponto de vista ético é necessário que o professor se posicione de forma crítica e proativa, procurando promover a participação de todos os alunos, independentemente das dificuldades ou do contexto de vida de cada um.

Podemos então concluir através de Pimenta (2014), Zabalza (2013), Imbernón (1994) e Alarcão (2003), que a construção da identidade docente é um processo contínuo, em

que a reflexão, a supervisão, e os valores pedagógicos desempenham um papel central na formação de um professor, e esta formação não termina com a conclusão do estágio, mas sim vai continua ao longo de toda a carreira docente.

Além das competências pedagógicas, o estágio supervisionado é também um espaço para o desenvolvimento da inteligência emocional do estagiário, que enfrenta pressões desde a fase inicial, a insegurança, o medo de falhar e necessidade de lidar com dinâmicas interpessoais complexas. Perrenoud (2012) argumenta que a gestão emocional é uma competência essencial para os docentes.

Já no decorrer do estágio é importante desenvolvermos o processo sobre o olhar geográfico. Callai (2006) diz que durante o estágio devemos focar-nos no desenvolvimento da capacidade de observar, analisar e perceber os problemas com base nos conhecimentos da geografia, relacionando os problemas com o espaço, as cidades, as pessoas e os países. O processo de desenvolvimento durante o estágio deve introduzir ao futuro professor a capacidade de entender os saberes tácitos e as vivências dos alunos, só assim poderá ser seletivo sobre os conteúdos e a organização das aprendizagens dos alunos.

Alguns autores como Martins (2015), Andrade (1994) e Callai (2006) demonstram preocupação sobre o domínio dos conteúdos programáticos da geografia durante o estágio, o que exige um aprofundamento destes conhecimentos ao longo desde ciclo. Os autores referem que, umas das causas desta situação é a falta de projetos direcionados ao conhecimento específico da geografia que é abordada no ensino básico e secundário e também há falta de abordagens sobre a prática pedagógica que fomenta uma formação do aluno enquanto cidadão do mundo que conhece os seus direitos e deveres, que participe na construção de uma sociedade mais justa, com o intuito de discutir e melhorar os problemas atuais do mundo como as questões ambientais e sociais.

Nas últimas décadas os desequilíbrios entre as classes sociais foram-se agravando e com isso as escolas têm hoje uma maior variedade de diferentes perfis de alunos provenientes de diferentes realidades, com esta transformação Martins (2015) alerta

que é necessário formar professores menos tradicionais, no sentido de dominarem os conhecimentos eruditos e complexos, mas sim procurar formar professores dispostos a participar na construção de conhecimentos diretamente relacionadas com as práticas sociais dos alunos no mundo de hoje. Um conhecimento geográfico que fomente uma cidadania cosmopolita, e que promova as habilidades e valores que ampliem a capacidade de compreensão da sociedade.

Por último, Martins (2015) realça a importância de trazer uma nova geração de professores capazes de serem autónomos, capazes de lidar com os desafios de ensinar Geografia na sala de aula. A autonomia é importante para que o professor possa refletir sobre a prática, tomar decisões e planear as suas aulas de acordo com a realidade onde está inserido. Desenvolver a autonomia é sempre um desafio pois vivemos num mundo complexo onde o nosso estilo de vida requer mudanças constantes, mas esta autonomia deve ser cultivada ainda na licenciatura e posteriormente desenvolvida no estágio, o facto de o mundo estar em constante transformação vai obrigar os professores a estarem constantemente a inovar e a trazer novas metodologias para as escolas.

O estágio supervisionado é um passo importante para termos conhecimento sobre as realidades do mundo escolar, desde o ambiente escolar, às infraestruturas da escola, os equipamentos disponíveis, o ambiente entre colegas e as realidades da sala de aula.

O estágio supervisionado tem, também, uma forte vertente de aprendizagem para além das aulas lecionadas, todo o trabalho realizado antes e após as aulas é na sua maior parte responsabilidade do futuro professor que terá de preparar as aulas, preencher documentos, realizar tarefas com as turmas, visitar diferentes espaços da escola com os alunos, preparar fichas de trabalho, elaborar e corrigir testes de avaliação, etc.

Estas atividades serão uma tarefa completamente autónoma quando o futuro professor terminar o estágio e começar a lecionar sozinho numa outra escola no futuro, mas estas atividades que exigem trabalho, são essenciais de se aprender durante o estágio com a ajuda do professor cooperante que pode ajudar e muito

nestas tarefas, pois a sua experiência é uma a transmitir. Aqui podemos incluir as palavras de Cacete (2015) que destaca a forte componente formativa que o estágio oferece, “os alunos vão para a escola não para praticar, os alunos vão para a escola com o objetivo de compreender e se apropriar da complexidade das práticas institucionais e das ações dos profissionais; os alunos vão para a escola para compreender a escola, para se apropriar da escola. E, nesse sentido, o estágio pode ser entendido como uma instrumentalização, no melhor sentido da noção de instrumentalização teórica” (p.6)..

As tarefas complexas do ambiente escolar, vão muito mais além do que lecionar, no estágio contactamos com os projetos pedagógicos, os projetos de escola, as leis que regem o sistema educativo, os artigos que orientam a carreira dos professores e outros documentos que fazem com que o estágio seja mais do que estar dentro da sala de aula a ensinar ou a aprender (Júnior, 2011).

O estágio começa com a observação, por parte dos futuros professores, da forma como leciona o professor cooperante e nesta fase inicial é importante ver para aprender. Estes momentos de observação vão trazer conhecimento de como a sala de aula funciona, como se comportam os alunos, quais as estratégias utilizadas, quais são as rotinas da aula, enfim todo o processo desenvolvido pelo professor titular da disciplina. De acordo com Minayo (1994) “a observação realiza-se através do contacto direto entre o investigador e discente responsável pela aula, esta observação é utilizada para obter informações sobre a realidade dos atores sociais nos seus próprios contextos” (p.5)..

A observação é o primeiro passo no estágio, este momento possibilita vivências únicas do ponto de vista da formação e da construção da identidade do futuro docente. Fávero (1992) destaca a importância da prática e do compromisso docente para os futuros professores, não basta apenas concluir uma licenciatura, é necessário praticar e comprometer-se profundamente para construir a “praxis”, só assim é que futuro professor consegue torna-se um professor completo. Este autor, também, introduz a importância das atitudes reflexivas no início do estágio que devem acompanhar o

estagiário ao longo do processo para poder entender as questões fundamentais na construção da identidade e da atividade docente.

Existe uma relação entre a teoria e a prática com autores como Fiorentini (1998) que defende esta articulação entre teoria e prática para contribuir para a formação do professor-investigador que utiliza a componente prática para problematizar e desenvolver a sua pesquisa. Dentro desta perspetiva Passini (2010) apresenta uma observação importante, segundo ele a investigação na escola estimula o futuro professor a utilizar ferramentas de inteligência e habilidades como observação, identificação de problemas, levantamento e organização de dados, análise e representação dos resultados, comunicação de resultados e a perceção da necessidade de novas pesquisas.

Nesta vertente entre teoria e prática Passini (2010) acredita que elas são indissociáveis e estão ligadas ao professor em vários campos, na maneira de explicar, nos exercícios, nas intervenções, entre outros. A partir do momento que o professor entende e cria uma relação umbilical entre teoria e prática torna-se muito mais dinâmica a relação entre docente e discente.

Segundo Pimenta (2002), a atividade teórica é essencial para compreender a realidade e definir objetivos para a transformação. No entanto, a autora realça que apenas o conhecimento teórico não chega, é necessário atuar, na prática. Assim a indissociabilidade entre teoria e prática é fundamental na formação dos docentes, o equilíbrio entre ambas promove o desenvolvimento intelectual, fortalece a ação pedagógica e estimula uma postura crítica e reflexiva no exercício profissional.

Neste processo de observação pude desde logo identificar vários comportamentos do professor titular que eram diferentes daqueles executados por mim no ano anterior ao estágio, em que lecionei, como, por exemplo, o posicionamento dentro da sala de aula que era muito mais fluído percorrendo os diferentes espaços livres entre as secretárias, enquanto que eu optei por fixar-me mais junto ao quadro para não perder o controlo dos dispositivos apresentados. Libâneo (2013) destaca este comportamento de circulação do professor pela sala de aula, como parte integrante da atuação

pedagógica, contribuindo para acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos, não pelo aspeto da proximidade física, mas sim para estar atento às reações, esclarecer dúvidas e criar interação para com os alunos. A própria postura do professor deve ser ativa o que inclui movimentar-se pela sala de aula, escutar os alunos e acompanhar o progresso “in loco” dos mesmos nas diferentes filas já que não é possível acompanhar à distância da mesma forma que estar perto.

Ao nível da disciplina a circulação pela sala, também, tem o seu peso dado que permite criar um maior controlo sobre as diferentes ocorrências que se vão passando. Este controlo não precisa de acontecer de forma autoritária, mas sim como uma forma de chamada de atenção pontualmente e atuar de forma precoce para evitar a propagação rápida das conversas em grupo.

Por último Libâneo (2013) salienta a linguagem corporal como uma forma de comunicação que não é verbal, mas que tem o mesmo objetivo, os alunos sentem a presença do professor e sua proximidade, a linguagem corporal pode ajudar a criar uma relação mais próxima e menos hierárquica com os alunos.

No momento inicial do nosso estágio, também, se concretizaram as primeiras reuniões, onde foram definidos objetivos como, a divisão de turmas por sequência e a respetiva avaliação supervisionada, juntamente com a sequência definida, ficou o núcleo de estágio responsável por criar e preencher diariamente um diário de bordo, com todas as informações relativas ao sumários, avaliações dos estagiários através de uma espécie de mesa redonda e apontamentos sobre os diferentes momentos positivos e os menos positivos nas aulas em que observávamos os nossos colegas.

Este diário de bordo, tornou-se uma ferramenta verdadeiramente importante, principalmente como método de melhorar a investigação-ação, fornecendo informações constantes sobre o que devíamos melhorar no dia-a-dia. Com o objetivo de perceber a importância de um diário de bordo consultei a obra de Pimenta (2006), a qual, enumera os seguintes benefícios desta ferramenta: primeiramente este diário de bordo é um instrumento que permite a reflexão através das experiências vividas, permite identificar os pontos a melhorar, os lapsos cometidos em matéria de

conhecimento científico, entre outras vertentes, que podem ser melhoradas nas aulas à priori. Permite no fundo reconstruir as experiências vividas e melhorar as aulas seguintes. Esta autora identifica, ainda a importância do diário de bordo para a formação da identidade do futuro professor, ao preencher regularmente o diário foi-me possível identificar o meu “modus operandi” no processo educativo através do ciclo constante entre aprender, errar, corrigir e evoluir, assim através desta ferramenta é possível criarmos um sistema de avaliação sobre o que fazemos regularmente nas aulas. Por último, a autora atribui, ao diário de bordo, o papel de recurso metodológico e avaliativo, o diário vai ao longo do tempo permitindo criar uma forma de avaliação formativa pela importância e pela quantidade das informações que vão sendo anexadas e trabalhadas posteriormente, criando um amadurecimento enquanto profissional que conseguiu aprender, constantemente, com os erros que foi cometendo e corrigindo.

Ainda durante a fase de observação das aulas do professor titular, pude observar que a utilização de globos e mapas foi muito comum nas aulas, uma vez que, aquele defendia que a cartografia é a principal forma de expor a geografia na sala de aula. Como de facto, a apresentação de mapas e globos são materiais comuns nas aulas de geografia, procurei saber mais sobre o que estes oferecem aos alunos, assim analisei a obra “Alfabetização cartográfica na escola” de Maria da Silva (2007) , onde são referidas várias vantagens na sua utilização como uma ferramenta para ensinar geografia, salientando que, os mapas são uma forma de linguagem, permitem representar e compreender o espaço geográfico de forma visual e organizada, transmitindo informação através da sua interpretação, características que são fundamentais na atualidade, perante alunos que estão mais interessados em visualizar do que a ouvir, permitindo assim que aprendam e compreendam a geografia de forma mais dinâmica, interativa e visual.

O globo terrestre é uma forma de modelo do planeta, sendo a representação mais fiel da Terra, pela sua forma esférica e fácil de rodar. Alguns tópicos nas aulas de 10º ano tornaram-se mais dinâmicas de ensinar com a ajuda do globo, por exemplo, retive a facilidade com que o professor supervisor demonstrou as diferentes estações do ano

através do rodopiar do globo com a ajuda de uma lanterna que simbolizou o sol. Este tipo de situação mostra que o estágio é importante para aprendermos a utilizar os diferentes materiais que a geografia dispõe para ensinar e tornar o processo de aprendizagem mais interpretativo e interativo. Schaffer (2011) refere que, “utilizar o globo como recurso didático, torna-se uma atividade esclarecedora e instigadora no processo de aprendizagem” (p.5), o que de facto foi o que ocorreu neste exemplo na aula do 10º ano.

O estágio também foi importante para nos sabermos posicionar sobre as tendências atuais dentro da sala de aula, nomeadamente o uso dos telemóveis que segundo a Lei nº 51/2012 (alínea r) do artº10) é proibida a utilização de qualquer equipamento tecnológico na qual se inclui os telemóveis. No entanto os telemóveis continuam a ser muito utilizados sem a autorização dos professores, o que se torna uma situação complexa de gerir. Contudo, alguns autores referem que os telemóveis devem ser utilizados de forma didática nas aulas. Silva Souza (2013) diz que é preferível reverter a situação e permitir aos alunos utilizar os telemóveis como ferramenta para trabalhar na sala de aula, os telemóveis aumentam o alcance no acesso à informação, a rapidez das pesquisas e uma certa democratização da informação já que a grande maioria dos alunos se não todos, têm acesso a estes dispositivos.

Como vimos, o processo de tornar-se professor não é linear nem previsível, é marcado por complexidades e transformações significativas, especialmente nos primeiros tempos. A fase do estágio como início deste processo requer atenção e suporte pois vai influenciar diretamente o desenvolvimento do professor.

Um fator ainda a acrescentar sobre o estágio é a relação entre o professor cooperante e o estagiário, Azevedo, Silva & Buriti (2020) realçam que a relação entre estes deve ser profissional, mas também amigável dado que irão estar em permanente comunicação ao longo do estágio e o professor cooperante irá orientar, auxiliar e avaliar o estagiário no final do processo.

A supervisão não beneficia apenas o estagiário, mas também o professor cooperante que desenvolve competências específicas, como a capacidade de ouvir, orientar e

oferecer *feedback* construtivo. Pimenta (2014) e Zabala (2013) salientam que o estágio é um processo dinâmico que exige ao professor cooperante uma reflexão contínua sobre o seu papel para melhorar a qualidade do acompanhamento, dá-se uma troca de conhecimento nesta relação que reforça a ideia de que no estágio ocorre uma prática colaborativa onde ambas as partes crescem profissionalmente. Ainda Day (1999) acrescenta que, o desenvolvimento profissional do supervisor é crucial para a qualidade da formação do docente, pois um professor com mais experiência pode tornar o estágio mais interessante e formativo. Para concluir Alarcão (2003) destaca que o estágio acaba por beneficiar uma cultura de aprendizagem contínua, beneficiando todo o sistema educativo.

2. A minha experiência enquanto professor sem ter realizado a Prática de Ensino Supervisionado (PES)

No ano letivo de 2023/2024 após concorrer através da plataforma online SIGHRE e de ter aguardado dois dias pelo resultado, fui contratado pela escola secundária Padre João Rodrigues em Sernancelhe como professor contratado temporário, iniciando a prática letiva no dia 25 de outubro de 2023.

Acabei por chegar à escola no dia 25 por volta das 7:30 da manhã e iniciei a prática letiva às 8:50 do mesmo dia, sem ter tido até, àquele momento qualquer experiência de lecionação, até ali a minha única experiência na sala de aulas era como aluno sem nunca ter assumido a responsabilidade de transmitir conhecimento para uma turma, tendo iniciado as aulas, neste dia, apenas com uma licenciatura em Geografia sem ter frequentado as unidades curriculares de vertente ensino-pedagógica do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Assim, a única experiência que tinha, era a resultante da observação dos diferentes professores que tive, ao longo do meu percurso escolar no Ensino Básico, Secundário e Superior.

Importa inicialmente referir e explicar o contexto da escola onde lecionei, o Agrupamento de Escolas Padre João Rodrigues. Este agrupamento é composto pelo

Ensino Básico completo, do primeiro ao nono ano de escolaridade, e como a Geografia é uma disciplina que apenas existe de forma independente a partir do sétimo ano, fiquei responsável, por seis turmas, sendo duas do sétimo ano, duas do oitavo ano e duas do nono ano, ficando a meu cargo todo o terceiro ciclo do Ensino Básico

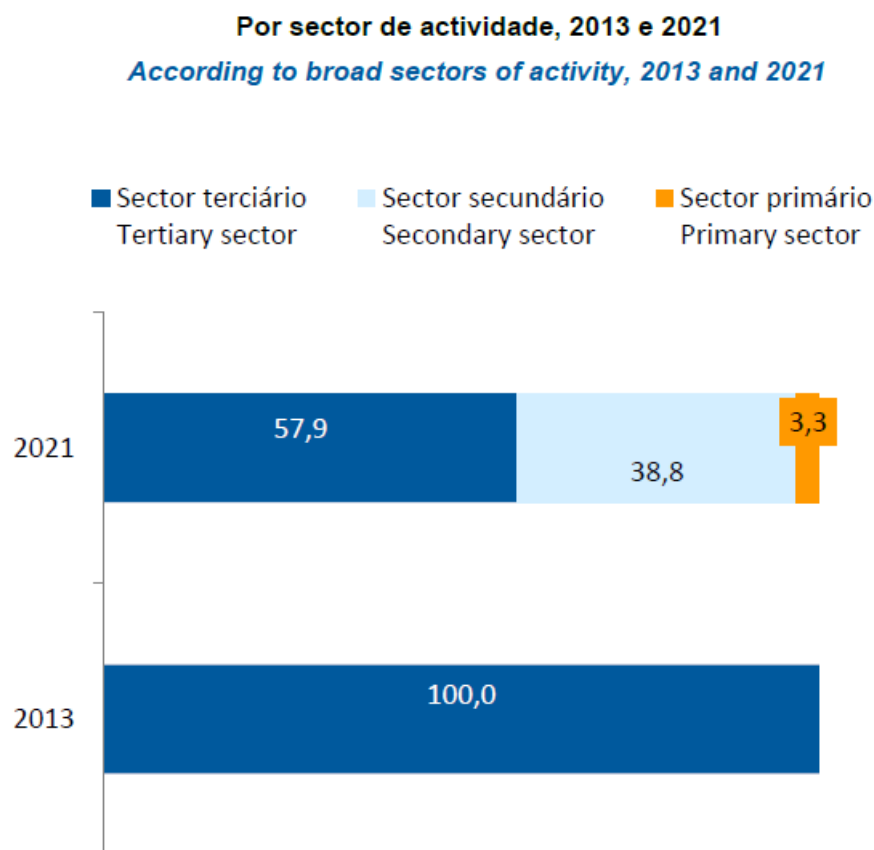
O agrupamento é relativamente pequeno, com cerca de 303 alunos, inscritos no ano letivo 2023/2024, quando comparado com agrupamentos de outras localidades, como, por exemplo, a escola onde realizei o meu estágio que envolve uma comunidade escolar de aproximadamente 1200 alunos. Esta situação, resulta do facto da vila de Sernancelhe, ter 1 755 habitantes e o concelho 5 384 habitante (INE, Censo de 2021), sendo um concelho do interior do país de baixa densidade populacional.

Sernancelhe é uma localidade que pertence ao distrito de Viseu e à NUT III Douro, situada no interior do país, sendo uma localidade bastante pequena, mas com todos os serviços disponíveis, incluindo bancos, lojas de conveniência, bomba de gasolina, supermercados, correios e um centro de saúde, entre outros serviços.

Relativamente às atividades económicas a vila gera rendimentos nas diferentes categorias da economia, quanto ao setor primário, a agricultura tem um papel predominante, sendo a produção de castanha, a mais importante, cuja exportação, gera um volume de capital por volta dos 3,5 milhões de euros (Câmara Municipal de Sernancelhe, 2024), pelo que Sernancelhe é conhecida como a capital da castanha. As pedreiras de granito também têm um impacto visível, na economia da vila, existindo, em 2022, 13 pedreiras (GEE, 2023). Além das pedreiras, localiza-se na área industrial da vila uma fábrica de blocos de granitos que são trabalhados em diferentes dimensões para serem utilizados na construção civil pelo país fora.

A madeira é outro setor de atividade com impacto na economia local, dado haver floresta em larga quantidade e de qualidade, sendo utilizada em Sernancelhe para venda de lenha para aquecimento de casas, mas também existe a venda de madeira para outros concelhos para a produção de cozinhas e mobiliário, nomeadamente para pequenas fábricas em Viseu.

O setor terciário tem uma presença crescente embora limitado, pois existem os serviços essenciais para o dia- dia das famílias, mas há serviços que de facto não existem como operadoras de telecomunicações e ginásios, estes serviços encontram-se disponíveis em Moimenta da Beira.



Fonte: Gabinete de Estratégia e Estudos 2024. Disponível em <https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-regionais/distritos-concelhos/viseu/sernancelhe/3028-sernancelhe/file>

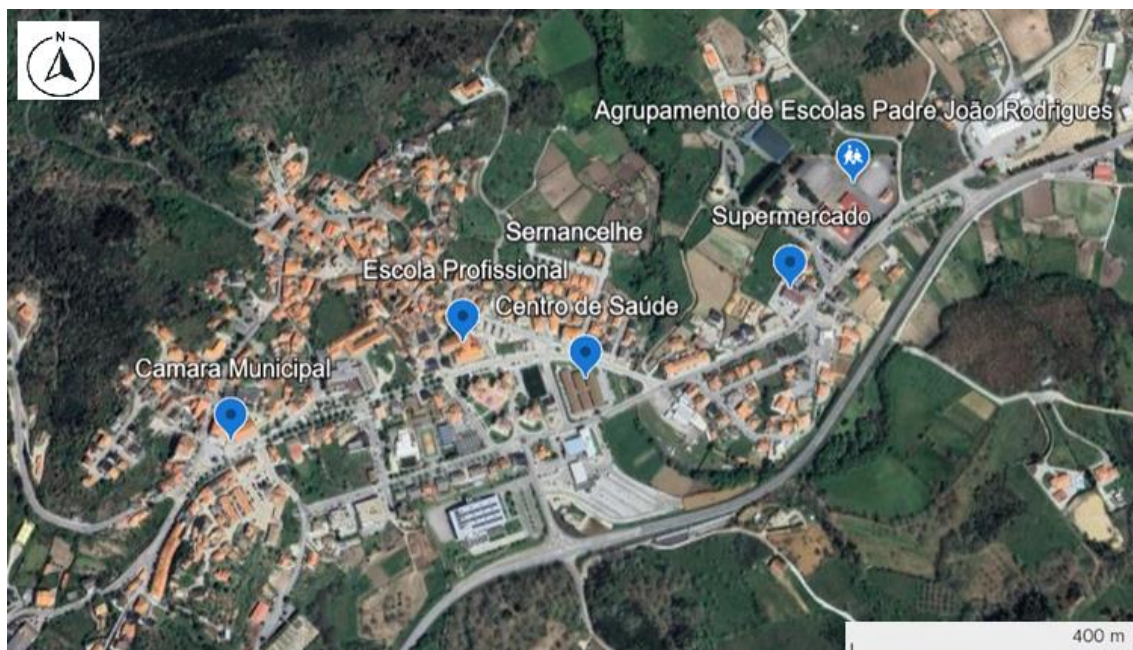
Figura 1: Distribuição dos trabalhadores por conta de outrem, por setor de atividade no concelho de Sernancelhe

Analisando os dados da figura 1, podemos concluir que em 2013, a totalidade dos trabalhadores por conta de outrem a tempo completo com remuneração completa, estavam empregues no setor terciário, enquanto em 2021, este setor, atinge os 57,9%, sendo o setor que emprega mais trabalhadores., comparativamente aos 3%, do setor primário e os 38,8% do setor secundário. Segundo a mesma fonte, o setor primário

conta atualmente com aproximadamente 200 pessoas no concelho com um ganho médio mensal de 748 euros, ligeiramente acima do salário mínimo nacional que em 2021 era de 665 euros líquidos. Quanto ao setor secundário o ganho médio é de 912 euros e o terciário com 911 euros. Estes dados mostram que a estrutura social é equilibrada não havendo uma clara diferença entre os vencimentos dos três setores, situação que coincide com a minha perceção sobre a sociedade do concelho, que era de facto muito equilibrada comparativamente com o concelho de Matosinhos, onde realizei o estágio.

O setor terciário emprega a maioria da população o que é perceptível com a quantidade de serviços que existem na maior avenida da cidade, a avenida das Tílias, onde se inserem vários serviços como seguradoras, bancos, a segurança social, os correios, o centro de saúde, a escola profissional e ainda o agrupamento de escolas Padre João Rodrigues. Estes serviços, na sua maior parte públicos, são indutores da iniciativa privada que se localiza lado a lado como cafés, restaurantes e lojas de conveniência que também se inserem no setor terciário.

Pelo facto de o agrupamento estar localizado no centro de Sernancelhe, a maioria dos alunos provém das restantes freguesias, que têm uma densidade populacional mais baixa que a união de freguesias onde se encontra a sede do concelho (figura 2). Os alunos, na sua esmagadora maioria, vivem no concelho, havendo apenas duas exceções, um de Moimenta da Beira e o outro de Penedono, que eram alunos de fora do concelho que por diferentes motivos decidiram estudar no agrupamento Padre João Rodrigues.



Fonte: Google Maps.

Figura 2: Localização do Agrupamento de escolas Padre João Rodrigues em Sernancelhe

Tabela 1. População residente nas freguesias do concelho de Sernancelhe

Freguesias	População Residente
Arnas	187
Carregal	420
Chosendo	267
Cunha	323
Faia	160
Ferreirm e Macieira	282
Fonte Arcada e Escurquela	179

Granjal	249
Lamosa	614
Penso e Freixinho	424
Quintela	364
Sernancelhe e Sarzeda	1755
Vila da Ponte	468

Fonte: INE Censos 2021

Como já referido acima, o concelho encontra-se no distrito de Viseu, sendo uma das localidades mais próximas e de maior dimensão a vila de Moimenta da Beira que fica a 20 quilómetros, já a capital do distrito, a cidade de Viseu situa-se a aproximadamente 50 quilómetros, sendo uma das maiores cidades do interior do país. Foi possível verificar que muitos alunos tinham uma ligação forte à cidade de Viseu, com familiares que vivem ou estudam nesta cidade, mas também muitos alunos praticavam atividades desportivas ou lúdicas nesta cidade, como, por exemplo, futebol em clubes desportivos de forma federada, a prática de atividades marciais tais como Karaté, ou, ainda outras atividades como Xadrez ou Paddel.

Quanto à minha experiência na vila de Sernancelhe, foi notável o impacto que tem a chegada de um novo professor na escola, isto porque o corpo docente é bastante envelhecido, e como em qualquer momento em que me deslocava ao centro da vila, era reconhecido, podia ser nos correios, na pastelaria, ou no quiosque que facilmente me abordavam a confirmar se era o novo professor de Geografia.

O modo de vida em Sernancelhe é bastante repetitivo, ou seja, as mesmas pessoas realizam as mesmas atividades, percursos, frequentam os mesmos estabelecimentos no dia-a-dia de forma rotineira, o maior movimento de pessoas é durante as 8:30 e as 9:00 horas que coincide com a abertura da escola, com o início das aulas e da maioria

das atividades de comércio, e posteriormente aquando do encerramento do dia letivo por volta das 5:00 horas da tarde.

Relativamente ao Agrupamento de Escolas Padre João Rodrigues, este é constituído por uma Escola Básica do 2º e 3º ciclos de bloco único, por uma Escola Básica do 1º ciclo, ambas situadas no mesmo recinto e por um Jardim de Infância, situado num edifício gerido pela autarquia (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Padre João Rodrigues 2022/2026). O setor relativo ao 1º ciclo, localiza-se num edifício próprio, a Oeste da escola EB 2 3, com a própria sala dos professores, salas, casas de banho e toda a conjuntura, a Este encontra-se as áreas para o 2º e 3º ciclo junto à secretaria e à direção da escola.

Quanto às condições da escola estas não são as melhores, uma vez que a mesma está à espera de uma remodelação há alguns anos. A escola tem o mesmo modelo clássico de E.B. 2.3 construída no final dos anos 60, tendo tido apenas o aumento do complexo desportivo nos anos 80, constituído por dois campos polidesportivos descobertos, existindo ainda, um balneário, espaços verdes e de lazer, quanto à cantina esta está situada no edifício da Escola Básica do 1º ciclo, servindo, assim os três ciclos do Ensino Básico (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Padre João Rodrigues 2022/2026).

Dado que a escola tem já trinta e dois anos de existência, e não sofreu obras, as condições de conforto no interior são fracas, no inverno o frio sentido dentro da escola é imenso quase como se estivéssemos na rua. As salas de aula são bastante monótonas e os corredores, com as escadarias em pedra mármore de cor fria, são relativamente escorregadios em dias de chuva quando os alunos transportam as gotas de precipitação para o interior da escola. Uma renovação seria necessária por toda a escola, para aumentar o conforto térmico, o isolamento sonoro entre as salas de aula, criar áreas modernas para promover o uso de bicicletas pelos alunos, utilizar materiais mais suaves, nos pisos do campo de futebol e na pista de atletismo, uma vez que são em alcatrão. Os corredores da escola não têm bancos para os alunos se sentarem enquanto estão a usufruir do intervalo, as casas de banho são muito antigas, e vários

outros aspetos diferenciam a escola de Sernancelhe, das escolas mais modernas, como a escola Augusto Gomes de Matosinhos.

Relativamente ao ambiente na escola, este é bastante tranquilo, dado que a escola tem poucos alunos, sendo quase todos conhecidos entre si por serem familiares ou por serem da mesma turma há vários anos, assim o nível de amizade entre os alunos é bom não gerando conflitos.

Um aspeto que funciona muito bem na escola é a secretaria que tem funcionários muito experientes e qualquer situação burocrática era resolvida muito facilmente com uma simples visita, dado que os funcionários já estavam na escola há muitos anos, pelo que existe agilidade nos processos com professores e alunos.

Relativamente ao corpo docente do agrupamento, este é constituído, por professores do Ensino Básico 1º ciclo, e pelos restantes dois ciclos do Ensino Básico, havendo uma divisão física na escola, como referido acima. O corpo docente é constituído por 54 professores em funções efetivas (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Padre João Rodrigues 2022/2026) e encontra-se muito envelhecido, não existindo qualquer professor com menos de 40 anos de idade, sendo eu o mais novo e o único professor de Geografia da escola.

O projeto educativo da escola Padre João Rodrigues compreende o horizonte temporal 2022 a 2026 e assume-se como, em qualquer outra escola, através do Decreto-Lei Nº75/2008, de 22 de Abril, “o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe a cumprir a sua função educativa” (artigo 9.º, número 1, alínea a)),.

O projeto educativo desta escola define como principais eixos a promoção de educação centrada no desenvolvimento integral dos alunos. Este compromisso traduz-se na valorização das dimensões cognitivas, emocionais, éticas e culturais numa perspetiva humanista e inclusiva. Este pilar é construído através de um percurso

formativo para promover cidadãos críticos, autónomos, solidários e preparados para os desafios da sociedade atual que é definida como uma sociedade do cosmos em constante mudança (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Padre João Rodrigues 2022-2026).

O projeto educativo apresenta também as prioridades para o agrupamento como a elevação da qualidade das aprendizagens, a redução do insucesso e do abandono escolar, a participação das famílias e da comunidade e por último uma cultura de inovação pedagógica. Estas prioridades são operacionalizadas através de planos de ação devidamente monitorizados e ajustados em função dos resultados obtidos anualmente (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Padre João Rodrigues 2022-2026).

Por último, o projeto educativo do Agrupamento de Escolas Padre João Rodrigues, aborda as estratégias educativas que se centram na abordagem pedagógica centrada no aluno recorrendo a metodologias diversificadas e diferenciadoras. Estas metodologias evoluem positivamente através de trabalho colaborativo entre os docentes promovendo a interdisciplinaridade, a integração de tecnologias digitais, a promoção de ambientes de aprendizagem inclusivos e a valorização da avaliação contínua.

Dada a localização no interior do país, com uma cultura própria e diferenciada de muitas outras vilas de Portugal, o projeto educativo enuncia a importância da articulação com a comunidade pois encara o agrupamento como um agente dinamizador do tecido social. Esta relação estreita com a comunidade envolvente acontece através de parcerias como as entidades locais através de programas de voluntariado para ajudar os mais idosos ou na promoção de um ambiente limpo na vila, fomentando a participação ativa dos alunos e das famílias de modo a enriquecer a experiência educativa e reforçando a coesão social.

A minha relação com os restantes professores foi muito boa, havendo sempre diálogo e muito carinho da parte deles, contudo como era o único professor de Geografia não tinha nenhum colega da disciplina que me pudesse orientar nas necessidades mais

básicas dentro da sala de aula, como planificar as aulas, que recursos didáticos utilizar, ou até como organizar as avaliações dos alunos. Assim, no momento de lecionar eu encontrava-me sozinho, sem ninguém a quem recorrer, o que gerou em mim, enormes dificuldades, nas primeiras semanas de aulas dada a minha falta de experiência letiva.

Com a atribuição do calendário escolar, fiquei com horário completo de 22 horas, com 6 turmas atribuídas, todas elas do terceiro ciclo, em substituição da professora do quadro de Geografia que se encontrava em licença de maternidade. Além da leção das 6 turmas, foi-me, também, atribuído duas horas do grupo europeu, que é um grupo que promove diferentes eventos e atividades ao longo do ano letivo, como o dia da Europa e promove, também, o programa Erasmus que permitiu que várias turmas viajassem a outros países como a Roménia e a França no ano letivo de 2023/2024.

Para completar o meu horário fiquei como coadjuvante no 5º e 6º ano apoiando o professor titular que era o professor de História. As minhas intervenções nestas aulas limitavam-se a apoiar e a explicar aos alunos os conceitos de teor geográfico como os oceanos, os continentes, os países e as organizações como, por exemplo, a União Europeia.

O ano foi começando e eu fui-me organizando, como iniciei as aulas com mais de um mês de atraso, tive de começar a um ritmo mais acelerado, para tentar comprimir os respetivos programas, além de ter de desenvolver a minha relação com os alunos, o que se mostrou uma missão complexa. Em todas as aulas de apresentação os alunos questionavam-me a idade, se já tinha sido professor anteriormente ou se ainda era aluno. De facto, eu estava no primeiro ano do mestrado, a frequentar a unidade curricular de Didática da Geografia, no 1º semestre, cujos temas abordados se revelaram importantes, para a minha experiência de leção e, no segundo semestre frequentei a unidade curricular Investigação Educacional e Políticas Educativas e Currículo. Tive assim um ano em que fui professor com horário completo e ainda consegui terminar, com sucesso, as três unidades curriculares que precisava para finalizar o primeiro ano do MEG.

Nas aulas utilizei os manuais escolares de Geografia da editora Areal Editores o “*Check-In*”, como uma autêntica “bíblia” e fui seguindo as aprendizagens essenciais, de cada ano, ainda que soubesse o que estas eram, nunca as tinha utilizado na prática. Nos diferentes anos, havia diferentes matérias, que nem sempre dominava, pelo que tive sempre o cuidado de aprofundar e/ou rever conceitos preparando, atempadamente as aulas, seguindo criteriosamente a matéria, para evitar situações que ficasse “sem chão”, ou embaraçado, por não dominar os conteúdos. Neste ponto, a frequência do estágio apresenta vantagens, o número de horas e de turmas é menor, pois num horário completo temos de lecionar 22 horas, já no estágio estamos dependentes do horário do professor cooperante que, no nosso caso, por já ter redução de horário leciona um total de 18 horas, assim há mais tempo para organizar as aulas e, existe uma seleção do que será abordado através da ajuda do professor cooperante que tem a responsabilidade de instruir o estagiário nas diferentes situações.

Ao longo das aulas que fui lecionando, deparei-me que os alunos aprendiam a ritmos muito diferentes o que em algumas turmas foi relativamente fácil de perceber, o mesmo não acontecendo com outras, nomeadamente na turma do 8ºB, com uma dimensão maior, constituída por 26 alunos, sendo alguns estrangeiros e com ritmos de aprendizagem muito diferentes. Esta situação, originou alguma dificuldade em conseguir manter o ritmo de aprendizagem tendo muitas vezes de atrasar a introdução de novos conteúdos para voltar a explicar, os que não tinham sido assimilados e realizar novamente exercícios de consolidação e avaliação das aprendizagens. Uma das estratégias que se mostrou eficaz para aferir as aprendizagens, na grande maioria das vezes, foi, sem dúvida, o facto de após lecionar uma determinada matéria, realizar imediatamente exercícios. Normalmente utilizava os exercícios dos manuais, com duas a três questões de resposta rápida ou então eu próprio colocava questões de carácter simples e resposta rápida aos alunos.

Tentei sempre nas diversas turmas, utilizar diferentes estratégias de ensino, nas turmas do 7º ano, fui mais próximo dos alunos quer durante o momento de explicar os conteúdos, quer no momento da realização de exercícios, sempre utilizando o manual, mas também, outros recursos didáticos, como imagens e vídeos do Youtube que

conseguissem ser divertidos e instrutivos para os alunos. Por exemplo, quando abordamos as paisagens pedi que todos me trouxessem uma imagem de uma área envolvente às suas casas para podermos ver os diferentes planos das áreas onde os alunos residem e tentar interligar com as suas atividades fora de casa, como por exemplo, onde faziam caminhadas ou onde tinha ocorrido algum incêndio, algo que lhes permitisse criar a memória da paisagem.

A gestão do tempo e dos objetivos para os 7º anos foram, a meu ver, os mais fáceis, a matéria era acessível e com técnicas de interação e abordagens pessoais fui explicando e dando exemplos, usei muitas vezes com eles exercícios que fiz quando era aluno do ensino básico, por exemplo, quando aprendi as localizações dos rios de Portugal lembro-me de ter desenhado, na aula, os rios num esboço em branco do mapa de Portugal e fiz exatamente a mesma atividade com eles o que resultou bem. Com os alunos do 7º A e B foi sempre acessível a minha interação com eles e fui promovendo que eles trabalhassem em pares de modo a não ficarem aborrecidos, e ao mesmo tempo que se divertissem em sala de aula. O comportamento destes alunos era bom, havendo algum ruído, mas nada de exagerado ou que me obrigasse a insistir constantemente com chamadas de atenção. Contudo, tive algumas dificuldades com estes alunos na organização de grupos e na implementação dos ritmos de trabalho quando estavam em conjunto, pois foi difícil conseguir colocá-los a trabalhar de forma coordenada, tendo posteriormente reduzido o número de elementos por grupo que inicialmente eram de quatro alunos, o que não resultou muito bem passando posteriormente apenas a trabalharem em grupos de dois elementos, o que facilitou a organização e as divisões de tarefas entre eles.

Outra situação que me deparei com os alunos deste nível de ensino foi a falta de autonomia que vários alunos apresentavam ao longo das aulas, acabei por identificar esta lacuna rapidamente. Como a autonomia é importante para o sucesso das aprendizagens, procurei ajudar os alunos a tornarem-se mais responsáveis e independentes, fui tentando criar hábitos de trabalho claros e sequenciais, como por exemplo, escrever o sumário no início da aula, assim como, fui delegando responsabilidades a diferentes alunos de forma rotativa, como a leitura em sala de

aula, vir ao quadro escrever as respostas dos exercícios realizados, ou até mesmo apagar o quadro no final da aula era da responsabilidade de um aluno selecionado.

Notei, também, que estes alunos por vezes precisavam de serem recompensados com estímulos positivos, especialmente os alunos mais silenciosos que não participavam nas aulas, quando confrontados com tarefas de responder a questões procurava atribuir-lhes um comentário positivo de forma a valorizar os seus progressos.

Lembro-me, particularmente, nestas turmas do 7º ano de uma situação relativa à matéria dos rios portugueses já na parte final do ano letivo, aquando destas matérias sugeri que eles fizessem um desenho da imagem do manual de Portugal e dos rios portugueses para colocarem no caderno de modo a perceberem quais são os grandes rios que passam por Portugal e a qual a sua forma, foi um exercício interessante e que os alunos gostaram imenso pois foi de alguma forma criativo e menos formal.

A turma do 8º B foi a que mais trabalho me deu no dia-a-dia, sobretudo tendo em conta, que os alunos, no ano anterior, não tiveram durante largos meses Geografia pois a professora esteve de baixa médica, o que proporcionou uma lacuna ao nível do conhecimento geográfico e do próprio hábito de estudar e aprender, pelo que, os alunos encontravam-se desmotivados e sem grande vontade de aprender.

Relativamente a esta turma, apenas fiquei a saber, umas semanas depois na reunião intercalar no início de novembro, que a maioria dos discentes eram alunos com medidas seletivas e universais, algo que eu nunca tinha ouvido falar e tive de aprender. Tendo em conta esta situação dos alunos, passei a realizar avaliações diferenciadas, a valorizar mais as suas participações em aula e os testes de avaliação passaram a ser personalizados, utilizando menos perguntas de desenvolvimento e mais perguntas de escolha múltipla para permitir melhor avaliar a sua aprendizagem.

A oralidade também passou a ser uma ferramenta ativa nas aulas desta turma criando muitas vezes momentos mais dinâmicos onde os alunos conseguiam, com a ajuda dos colegas, responder e serem mais participativos nas respostas às questões apresentadas pelo professor.

A escola virtual foi, outro dos recursos que utilizamos nesta turma, muito mais do que nas outras e os resultados muitas vezes também eram surpreendentes, especialmente quando elaboraram as fichas de trabalho em pares, isto foi também um aprendizado para mim, pelo que atualmente passei a utilizar os trabalhos de grupo como forma de alavancar a motivação e os conhecimentos destes alunos com maiores dificuldades.

Nesta turma consegui observar uma certa instabilidade emocional, por parte de vários alunos, que se apresentavam constantemente inseguros na forma como falavam, o que me levou, várias vezes, a ter de falar com eles, após a aula para tentar perceber o que realmente estava a ocorrer, na grande maioria das vezes a situação era relativa à fase da adolescência em que estavam, ao facto de não estarem satisfeitos com o dia-a-dia, com a escola, com a comida da cantina, situações que eu procurava demonstrar que não eram vicissitudes tão relevantes como eles imaginavam.

Ainda no 8º ano, a turma A foi excelente, os alunos eram muito interessados nas aulas e tinham um comportamento muito agradável com interações interessantes, foi uma turma que me ajudou a desenvolver como professor, consegui eu próprio consolidar muita da matéria que não dominava tão bem e com eles fui desenvolvendo diferentes exercícios ou trabalhos que gostavam de fazer. Eram alunos, participativos que se sentiam à vontade de falar do que gostavam de fazer nas aulas, pelo que, sempre que possível fiz atividades com eles, como por exemplo, jogos online no Kahoot, assistimos a diferentes vídeos, que estavam relacionadas com a matéria que ia sendo lecionada. Saliento, particularmente, quando falamos sobre a reciclagem, a atenção e entusiasmo com que assistiram aos vídeos sobre a *Wastemagement* que é a maior empresa mundial de utilização de resíduos que terminam nos aterros, ou quando abordamos as grandes empresas, mundiais, através dos vídeos sobre a *Amazon*, a *Google*, a *Microsoft*, a *Tesla* e a *BYD*.

Nos 9º anos, os conteúdos eram desafiantes, a matéria em si era mais complexa comparativamente com os 7º e 8º anos, e os alunos encontravam-se num processo de evolução mais elevado, ambas as turmas do 9º ano eram parecidas ao nível dos alunos no que se refere à capacidade de aprendizagem e aos conhecimentos que traziam dos anos anteriores, no fundo tinham mais experiência escolar.

Com estes alunos tentei sempre que fossem comunicativos e que expressassem as suas opiniões, as diferentes matérias permitiram várias conversas ao longo das aulas sobre o PIB, os riscos naturais e o clima, estes tópicos são sempre interessantes para debater e assim pude aprender com eles, houve um crescimento em conjunto. Posso assim concluir que o 9º ano foi o meu ano favorito para lecionar, até o próprio comportamento deles foi mais estável, não havendo grandes oscilações na vontade de trabalhar e participar nas aulas.

Nestas turmas do 9º ano foi utilizado, por diversas vezes, os debates como ferramenta de promoção das opiniões dos alunos, que geraram diversas vezes momentos interessantes com discussões que abordaram vários temas, como a questão da habitação, a emigração ou até o ensino superior, assuntos estes que se relacionavam com a sua vida pessoal. Esta estratégia, foi também uma aprendizagem para mim no sentido que foi muito mais fácil de gerir debates com os 9º anos do que com os 7º ou 8º.

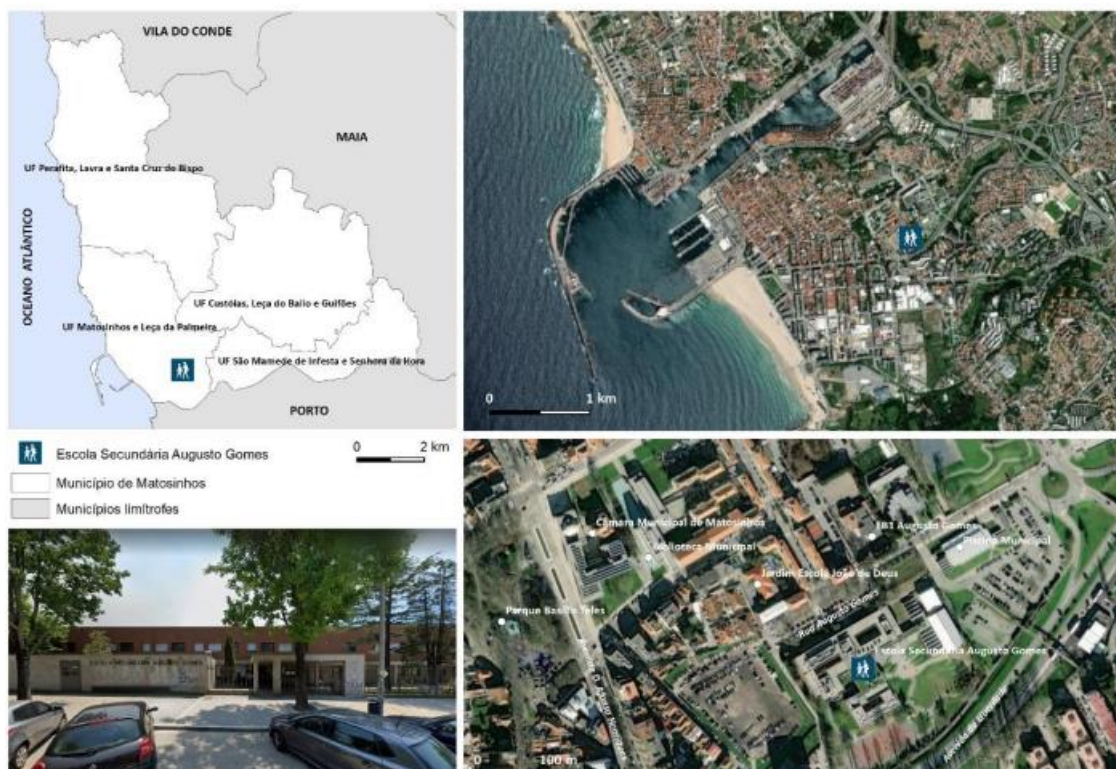
Foi também nas turmas do 9º ano que utilizei, por várias vezes, fichas de trabalho logo após lecionar a matérias de modo a aferir o conhecimento deles o que resultou muito bem pois notou-se uma certa maturidade na execução de exercícios e na vontade de querer aprender mais.

3. O estágio supervisionado na Escola Secundária Augusto Gomes

3.1. Caracterização do contexto escolar

A Escola Secundária Augusto Gomes (ESAG), onde foi realizado no ano letivo de 2024/2025 a IPP está localizada no concelho de Matosinhos que pertence à Área Metropolitana do Porto. Contrariamente ao Agrupamento de Escolas Padre João Rodrigues, a ESAG, não é um agrupamento, mas sim uma Escola Secundária que engloba o terceiro ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário.

Como se situa numa área densamente urbanizada, na envolvente agrega um vasto conjunto de infraestruturas como outras escolas tais como o Agrupamento de Matosinhos, o Agrupamento de Matosinhos Sul e ainda a Escola Secundária João Gonçalves Zarco. Para além de escolas, na proximidade encontra-se a Câmara municipal de Matosinhos juntamente com a Biblioteca Florbela Espanca e ainda a Casa da Juventude, para além de um conjunto diversificado de estabelecimentos comerciais, como supermercados, farmácias e lojas de conveniência (figura 3).



Fonte: CAOP, 2018; Esri Basemap; Google Maps.

Figura 3: Localização da Escola Secundário Augusto Gomes

A rede de transportes na área onde se insere a escola é bastante desenvolvida com autocarros da Unir e da STCP com ligações a diversos locais da Área Metropolitana do Porto, e ainda o Metro do Porto o que permite uma boa mobilidade para os alunos que necessitam de utilizar transportes públicas para se deslocarem para a ESAG.

Ao nível populacional, comparando Sernancelhe e Matosinhos, encontramos contrastes ao nível da população residente, densidade populacional, assim como, em relação à dimensão, como podemos observar na tabela 2. Embora o concelho de Sernancelhe seja mais de três vezes superior em área ao concelho de Matosinhos, o número de habitantes é trinta vezes inferior, o que se acaba por refletir na demografia das escolas

Tabela 2. Informação relativa aos concelhos em 2021. Extraído dos Censos, 2021.

Concelhos	Área do concelho em km2	População Residente	Densidade Populacional (hab/km2)	População ≥ 65 anos em %
Sernancelhe	229	5 793	25,1	32,3
Matosinhos	62	179 558	2 837,9	24,1

O envelhecimento da população em Sernancelhe é muito superior, e isso reflete-se no número de alunos no agrupamento com um total de 303 alunos destes, apenas 101 estão a frequentar o terceiro ciclo do Ensino Básico, onde tive a oportunidade de lecionar, sendo destes 45 do género masculino e 56 do feminino (dados DGEEC, 2023).

Em Matosinhos, por ser um concelho muito mais populoso, assistimos a uma grande diferença no número de alunos na ESAG, com um total de 1 252 alunos, dos quais 102 pertencem às turmas onde estagiamos, sendo 67 alunos do género feminino e 37 do género masculino, o que corresponde a um número muito semelhante em ambas as escolas.

Abordando a população ativa, Sernancelhe tem um total de 2 036 trabalhadores por conta de outrem, enquanto Matosinhos tem um total de 82 545. O setor primário embora com expressões reduzidas em ambos os concelhos, em Sernancelhe este setor representa um valor superior com 3,3 %. Matosinhos, para além da maior dimensão da população ativa, esta está sobretudo empregada no setor terciário 79,6%, podemos concluir que Matosinhos tem um nível de desenvolvimento superior oferecendo aos

seus estudantes mais oportunidades e um estilo de vida urbano mais moderno, comparativamente com os de Sernancelhe (tabela 3).

Tabela 3. Percentagem da população empregada por setor de atividade em Sernancelhe e em Matosinhos

Tabela 3. Percentagem da população empregada por setor de atividade em Sernancelhe e em Matosinhos. Extraído dos censos, 2021.

Concelhos	Setor Primário	Setor Secundário	Setor Terciário
Sernancelhe	3,3	38,8	57,9
Matosinhos	0,2	20,1	79,6

3.2. Caracterização e oferta educativa da ESAG

A Escola Secundária Augusto Gomes, outrora Liceu Nacional de Matosinhos, foi inaugurada em 1972, mais tarde, em 1979, passaria a chamar-se Escola Nº 2 de Matosinhos, e, em 1989, receberia a designação de Escola Secundária/3 de Augusto Gomes – Matosinhos. Em 2002 o nome passaria a ser Escola Secundária Augusto Gomes. Esta escola é atualmente uma referência no concelho de Matosinhos com alunos de outros concelhos, como Valongo, Gondomar e de Vila do Conde. Esta escola tem como lema *traçar rumos, desenhar horizontes*, sendo uma escola que tem como objetivo promover a inovação de forma ancorada ao saber construir e na reabilitação da experiência do fazer melhor (ESAG, Projeto Educativo, 2022).

A missão da escola é a de assegurar as condições para os profissionais em exercício promovam uma educação que contemple o desenvolvimento pessoal, profissional e cívico dos alunos, promovendo uma série de valores desde a autorrealização à consciência cívica de intervenção socialmente solidária (ESAG, Projeto Educativo, 2022). A educação integral do aluno é uma das prioridades da escola tendo em conta a formação nas áreas do pensamento crítico, das humanidades, da cultura estética e

artística, das ciências e tecnologias e ainda da educação do corpo e da prática desportiva (ESAG, Projeto Educativo, 2022).

A inclusão é um dos pontos de referência desta escola, tendo como um objetivo ser uma Escola inclusiva que garanta a equidade no acesso à educação e no cumprimento da escolaridade obrigatória, através da criação de condições de diferenciação pedagógica para incentivar o mérito e a excelência dos alunos que se destacam pelo empenho, exemplo cívico, espírito solidário e colaborativo (ESAG, Projeto Educativo, 2022).

A escola apresenta também um documento denominado de *Plano de Inovação* de 2022 a 2025, que atualmente encontra-se em execução com o lema de *+ Humanismo + Sucesso*. Este documento teve especial importância na minha pesquisa sobre os valores e o sucesso desta escola, pois é anunciado neste documento os termos e condições da Autonomia E Flexibilidade Curricular na ESAG de forma a implementar a gestão superior a 25% das matrizes curriculares-base das ofertas educativas e formativas dos diferentes níveis de ensino promovendo então diferentes planos de inovação e ainda regras próprias relativas à organização do ano escolar, nomeadamente o carácter semestral para todas as disciplinas e todos os cursos disponíveis na escola.

Este plano de inovação tem como principais objetivos:

- “1. Reorientar o percurso de alunos com défice de expectativas face à escola;
2. Detetar precocemente casos de alunos com dificuldades de aprendizagem;
3. Manter as disciplinas criadas no anterior PI, que articulam as aprendizagens essenciais das diferentes disciplinas;
4. Reforçar a preparação académica dos alunos por forma a aumentar as taxas de ingresso no ensino superior em 2%;
5. Desenvolver competências para a vida ativa, nomeadamente, a resolução de problemas, o pensamento crítico e a realização de trabalho/ gestão de equipa;

6. Garantir a aprovação a pelo menos 75% dos módulos/UFCD previstos para o 1º ano e de 85% no 2º ano, relativos aos dois primeiros anos do curso;
 7. Promover o exercício de uma cidadania ativa e informada;
 8. Promover um maior acompanhamento por parte dos encarregados de educação”.
- (Plano de Inovação de 2022 a 2025, p. 5-6).

Este plano de inovação é operacionalizado através de várias medidas de implementação contínua e rigorosa, de modo a criar resultados a longo prazo nos diferentes objetivos. Este plano de inovação é algo que não existe no agrupamento de escolas Padre João Rodrigues o que mostra uma diferença estrutural no funcionamento da escola e no desempenho dos alunos.

Relativamente à oferta formativa, para além do 3º ciclo do Ensino Básico, no Ensino Secundário, a escola oferece, Cursos Científico e Humanísticos (Ciências e Tecnologia, Línguas e Humanidades, Ciências Socioeconómicas e Artes Visuais) e Cursos Profissionais (Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, Técnico de Multimédia e Técnico de Turismo).

3.3 O estágio supervisionado

O estágio supervisionado iniciou-se em meados de setembro de 2024, num clima de surpresa pois era tudo novo para o núcleo de estágio que era constituído por quatro estudantes, iniciando-se assim um período que durou até meados de abril.

Durante o estágio, foram-nos atribuídas 5 turmas, sendo uma do 7º ano, uma 10º e do 11º e ainda duas turmas de 12º ano.

Os primeiros dias foram relativamente fáceis de gerir pois fomos conhecendo a escola e as suas infraestruturas, os horários, os professores, as regras de funcionamento e posteriormente avançamos para as reuniões com os professores das respetivas turmas. Estas reuniões de conselho de turma, das cinco turmas, foram importantes para a nossa integração na escola e para começarmos a perceber o ambiente que iríamos encontrar na sala de aula.

Após as reuniões de conselho de turma, passamos a ter reuniões do núcleo de estágio que decorriam às quintas-feiras de manhã. Estas reuniões, eram efetuadas com o professor cooperante e os quatro estagiários, onde se definiu os objetivos que seriam desejáveis atingir com o decorrer do estágio, tendo sido acordado, que iríamos, durante as primeiras semanas letivas, apenas assistir às aulas do professor cooperante, de modo a conseguirmos criar alguma segurança antes de começarmos a lecionar de forma independente.

Nas primeiras reuniões decidimos criar vários mecanismos para tornar o estágio mais organizado e funcional, entre eles, um diário de bordo que funcionou como guardião das informações relevantes das aulas juntamente com os horários e os sumários, o que foi bastante importante no decorrer do estágio. Foi, também, definida a sequência da distribuição das turmas, tendo ficado ao critério do núcleo decidir quem começaria e quais as turmas entregues a cada estagiário para as quatro rondas de lecionação funcionando da seguinte forma: teríamos quatro semanas seguidas de aulas e na quinta semana teríamos aula de supervisão de modo a concluir a ronda e passar à turma seguinte (tabela 4).

Tabela 4. Calendário das rondas e das supervisões.

Ronda	Turmas	Datas	Supervisão
1	12º D e E	11 de outubro a 3 de dezembro de 2024	5 de dezembro de 2024
2	11º H	9 de dezembro de 2024 a 15 de janeiro de 2025	16 de janeiro de 2025
3	10º F	3 de fevereiro a 20 de fevereiro de 2025	24 de fevereiro de 2025
4	7º A	25 de fevereiro a 18 de março de 2025	8 de maio de 2025

A minha sequência de turmas foi definida através de um consenso com os meus colegas do núcleo de estágio, comecei por lecionar as duas turmas de 12º ano na primeira ronda, a turma de 11º na segunda ronda, a turma do 10º na terceira ronda e terminaria a minha lecionação com a turma do 7º ano. Quando da elaboração

desta sequência foi da minha preferência, começar pelo 12º ano e finalizar no 7º ano, dado que, comparativamente aos meus colegas, sentia-me mais à vontade

para começar pelo 12º ano, constituído por duas turmas, uma de Humanidades e outra de Ciências Sociais e Económicas.

Estando a sequência definida, começamos por assistir às aulas do professor cooperante o que nos deu uma clara visão de como as aulas deveriam decorrer, com noções muito claras de como preparar uma aula, a postura a ter dentro da sala de aula, a importância do posicionamento e da circulação dentro da mesma, cuidados a ter na elaboração das apresentações e o tom de voz a utilizar nos diferentes momentos da aula.

Como, referido acima tínhamos todas as quintas-feiras da parte da manhã uma reunião, com a duração de 2 horas em que realizávamos um balanço de como iam decorrendo as aulas, assinalando o que poderia ser melhorado. Estas reuniões foram, um ponto fundamental para o meu desenvolvimento como futuro professor, dado que, fui recebendo um conjunto de comentários, sobre as minhas aulas, dos meus colegas e do professor cooperante.

Na ronda inicial, com ambos os 12º anos, o professor cooperante sugeriu-me uma alteração de postura quando estava a chamar a atenção aos alunos, o que acontecia era que após existir algum barulho na sala de aula, devido às conversas paralelas dos alunos, eu chamava a atenção dos mesmos aumentando o tom de voz e com a caneta na mão batia com esta na mesa de modo a criar um som de alerta para que terminassem com as conversas e, assim, deixarem-me prosseguir com a aula.

Contudo, do ponto de vista do professor cooperante a melhor forma de terminar com este ruído originado pelas conversas entre os alunos, seria ficar calado a olhar para eles de modo a gerar o silêncio assim que percebessem que a aula estava parada. Foi uma estratégia que resultou na maioria dos casos, sendo mais eficaz, do que aumentar o tom de voz ou criar ruídos igualmente desagradáveis.

Outra sugestão que surgiu logo nas primeiras semanas da ronda inicial, foi o meu posicionamento na sala de aula, este estava muito limitado à parte da sala junto ao

quadro e à secretária do professor, pelo que passei depois a circular mais pela sala de aula quer quando falava, quer mesmo em momentos em que os alunos estavam ocupados na execução de alguma tarefa proposta. Esta circulação faz com a presença do professor seja sentida por toda a sala não deixando áreas sem qualquer tipo de contacto ou interação com o professor.

Por fim, outra das recomendações do professor cooperante foi relativa à melhoria dos instrumentos utilizados para lecionar, nomeadamente, os *Powerpoints* que deveriam ser mais complexos, especialmente para as turmas do 12º ano, pois são alunos que estão na fase final do ensino secundário e precisam de uma maior qualidade da informação transmitida, assim como, os números de exemplos deveriam ser seletivos, procurando utilizar informação com imagens, evitando imagens isoladas ou texto simples e a utilização de cartografia ilustrativa da matéria. Estas sugestões, foram sendo incorporadas na lecionação, como por exemplo, quando lecionei os atores da globalização e apresentei diferentes imagens de marcas globais e para explicar os mercados para onde exportam, utilizei cartografia dos mercados de produção, do PIB, e das diferentes indústrias por continente, ou seja, procurei diversificar as diferentes apresentações com cartografia específica para os diversos temas.

Também ao longo destas quatro semanas com as duas turmas do 12º ano, fui incentivado a criar diálogo e promover os debates com os alunos para, assim conseguir uma maior participação nas aulas, permitindo expressarem as suas opiniões e motivando-os a participarem e a sentirem-se confortáveis com as suas intervenções.

Com o decorrer da segunda ronda, lecionei o 11º ano durante quatro semanas e, nesta turma, deparei-me com outras situações a melhorar, nomeadamente a disposição dos alunos ao longo da sala de aula. Como se tratava, de uma turma com 15 alunos, numa sala com o dobro da capacidade ao nível das cadeiras, muitos deles tentavam ficar dispersos e sentados na parte de trás da sala, o que gerava muitos espaços vazios, proporcionado pouca interação entre discentes e docente, pelo que alteramos a disposição dos alunos na sala, acabei por pedir que se sentarem nos lugares disponíveis mais à frente de modo a estarem mais perto do professor e do quadro para evitar faltas de atenção ou que houvesse alguma dificuldade de visão pois quando

mais longe se sentam maior é a probabilidade de não conseguirem ler as informações presentes nas apresentações. Nesta turma, dado o número mais reduzido de alunos, fui ao longo das aulas sendo mais pró-ativo, colocando questões aos diferentes alunos procurando interligar as respostas entre eles, ou seja, procurei que nenhuma resposta fosse rejeitada, mas sim completada através da obtenção de uma outra resposta por parte de outro colega. Outra estratégia que utilizei algumas vezes, foi tentar inverter as respostas, naqueles momentos em que a monotonia estava a proliferar na sala de aula, introduzia uma resposta errada sobre a matéria, conseguindo, assim despertar a atenção, dado que criei a ilusão que estava errado para ser corrigido por eles, estratégia que resultou bastante.

A maioria dos alunos, desta turma, encontram-se desinteressados pelas aulas comparativamente com outras turmas, o desinteresse acaba por ser um problema a resolver a longo prazo e de difícil execução o que me levou a optar por outra estratégia, a elaboração de trabalhos de grupos, permitindo que desenvolvessem ideias em conjunto e assim mais motivados na realização de trabalhos, ao invés da realização de testes, não os substituindo na totalidade, mas sim fazendo uma avaliação mais distribuída e contínua ao longo do semestre.

Com esta turma tive algumas dificuldades de diálogo, pois os alunos estavam muitas vezes retraídos e pouco interessados em expor as suas opiniões. Assim, como sugerido pelo professor cooperante, a estratégia ideal seria de alguma forma “remover o detonador”, isto é, tentar sempre acalmar e procurar suavemente fazer com que os alunos interagissem, aproximado a linguagem e adequando a dificuldade das perguntas para remover ao máximo a chance de não obter uma resposta aceitável por parte dos alunos.

A última ronda terminou, com as quatro semanas lecionadas ao 7º ano, uma turma do ensino articulado com música, que tem alunos com muito bom nível, interventivos e enérgicos. Nesta turma alterei o meu estilo de lecionar passando a ter um estilo mais de “ator”, ou seja, mais divertido na interação com eles e com um vocabulário mais próximo e direto, uma vez que são alunos com idades entre os 12 e os 13 anos. Sendo estes alunos, pela sua idade, muito mais imprevisíveis nos comportamentos e nas

questões que apresentam, foi extremamente importante criar um ambiente dinâmico e de diálogo sobre diversos assuntos pois facilmente eles trazem assuntos que não estão diretamente ligados à matéria, mas que mereciam ser abordados, como por exemplo, sobre a atual guerra na Ucrânia ou sobre a crise política que aconteceu com a queda recente do governo. Com isto, quero dizer que qualquer pergunta poderia surgir a qualquer momento, e para isso era preciso estar atualizado sobre o mundo em que vivemos, um mundo onde as notícias se propagam muito rapidamente.

Uma das grandes aprendizagens que tive com os alunos do 7º ano foi ao nível do comportamento dentro da sala de aula, de como manter uma aula a fluir ao mesmo tempo que tentava manter o ambiente calmo e pouco barulhento, para atingir tal regularidade foi preciso ser incisivo constantemente não deixando as conversas paralelas evoluir pois se isto acontecesse facilmente a aula tornava-se impossível de continuar. A estratégia que me pareceu mais viável foi através de uma abordagem múltipla, nunca insistindo no mesmo estilo constantemente, mas sim ir variando, um bom exemplo foi a proximidade aos alunos, em diferentes momentos da aula a minha proximidade aos alunos era maior pois sentia que o diálogo estava controlado e a fluir, no entanto, quando o comportamento deles começava a tornar-se mais irrequieto optava por apresentar uma postura mais ríspida e incisiva para evitar a propagação.

Notei, bastantes vezes, que uma postura monótona facilmente se tornaria pouco atrativa mesmo que fosse por pouco tempo, mas também se estivesse durante muitos minutos a ser muito dinâmico e comunicativo entraria em rota de colisão com os alunos mais interventivos, pois estariam constantemente a fazer perguntas fazendo de mim uma fonte de informação rápida e superficial sem grande chance de aprofundar os conteúdos.

Com todas as turmas, especialmente com o 7º ano, uma das ilações mais óbvias que ficou explícito no decorrer deste estágio foi a importância dos primeiros minutos da aula, estes são muito valiosos para o bom funcionamento da aula, pois podem criar um fio condutor para posteriormente explorar e até ao nível do comportamento foi fundamental definir as regras e elucidar os alunos de como a aula deveria decorrer. Assim, foi, também, essencial enunciar os objetivos da aula juntamente com o sumário

logo no início para orientar os alunos, sobre os conteúdos que seriam abordados, criando uma expectativa clara da forma como a aula iria acontecer.

A utilização e aperfeiçoamento dos *powerpoints* como recurso pedagógico tornou-se fundamental ao longo do estágio, permitindo-me organizar e apresentar conteúdos de uma forma mais lógica e visualmente mais atrativa para os alunos em detrimento de criar discursos longos ou leitura de textos dos manuais. Esta ferramenta permitiu-me organizar os conteúdos de uma forma mais lógica, criando uma sequência clara dos tópicos que são abordados na aula, e foi claramente visível que quanto melhor o *powerpoint* estava organizado e ilustrado mais facilmente cativava a atenção dos alunos (figura 4).

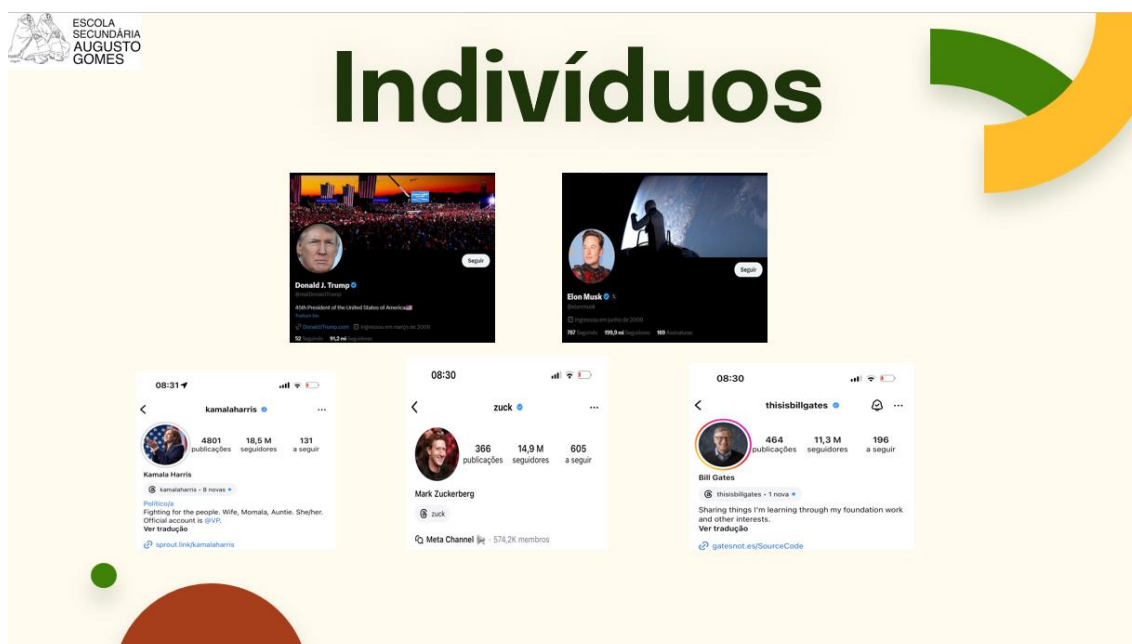


Figura 4. Slide de uma apresentação de 12º ano sobre os atores da globalização

Foi uma das minhas aprendizagens neste período a importância das apresentações como ferramenta para captar e manter a atenção dos alunos, através da inclusão de elementos visuais como imagens, gráficos ou vídeos, permitiu-me ativar a memória visual dos alunos. Nos *powerpoints* foi, também, possível elaborar questões, após a exposição dos conteúdos teóricos para, assim, aferir se o conhecimento tinha sido transmitido de forma clara e eficaz.

Um exemplo de um caso bem-sucedido nas minhas apresentações, foi este slide com os indivíduos agentes da globalização. Os agentes da globalização são vários, desde os países e estados, passando pelas empresas e organizações transnacionais, mas também os indivíduos fazem parte deste processo, que correspondem a uma minúscula parte da população mundial, mas no entanto influenciam massas à escala mundial. Para aproximar este conteúdo aos alunos decidi colocar na apresentação cinco páginas das redes sociais *Instagram* e *X* que são aplicativos que os alunos utilizam diariamente com as contas destes atores da globalização tais como Donald Trump, Elon Musk, Bill Gates, Kamala Harris e Mark Zuckerber que são figuras de diferentes ramos desde a política até às empresas tecnológicas, mas que são reconhecidos pelos alunos, criando aqui uma ponte entre o conteúdo da aula e as ferramentas que os alunos utilizam regularmente na internet.



ETNs

- Empresas transnacionais são empresas que transacionam os seus produtos em outros países para além do seu país de origem.
- Na maioria dos casos, apresentam mais do que um produto, apresentado um portfólio de modo a reduzir a volatilidade das receitas.
- Investimento constante em I&D.
- Grande maioria das ETNs estão expostas aos mercados de ações.



Figura 5. Slide de uma apresentação de 12º ano sobre as empresas transnacionais

Aprendi também que é importante ser claro e direto nas apresentações, com exemplos que não criem dificuldades na aprendizagem, na figura 5 decidi que ao explicar o que são as ETNs precisaria de ser preciso através de poucas frases, utilizando-as como apoio para as minhas explicações através do discurso. Juntamente

com frases claras, curtas e motivadoras associei imagens de empresas que são verdadeiramente globais de diferentes áreas de negócios para exemplificar que estas empresas estão presentes no consumo dos alunos ou das suas famílias no dia-a-dia.

A motivação é essencial nas aulas, especialmente em aulas mais longas de blocos de 90 ou 100 minutos, sendo assim necessário ter apresentações dinâmicas bem estruturadas e enriquecidas com multimédia para cativar o interesse e o envolvimento dos alunos.

Os exercícios após as apresentações, seja em forma de debate ou de exercícios de perguntas e respostas escritas, são essenciais para aferir o resultado do conhecimento transmitido e como tal realizei de forma regular pequenos debates com os alunos do 12º ano de modo a desenvolver o espírito crítico e o desenvolvimento pessoal dos alunos.



Figura 6. Slide de uma apresentação de 12º ano sobre o conflito Israelo-Árabe

Numa das aulas o assunto abordado foram os conflitos internacionais mais concretamente o conflito entre Israel e a Palestina, que atualmente está concentrado no conflito da faixa de Gaza que é uma faixa litoral onde os palestinianos foram-se refugiando vindos de outras áreas da Palestina, entretanto anexadas por Israel.

Como este assunto é bastante sensível e mediático decidi colocar um debate sobre a situação em Gaza, como forma de criar impacto e apelar às emoções dos alunos. A imagem mostra uma cena de sofrimento explícito o que gera empatia e permite desenvolver a componente humanista dos alunos, sendo esta uma das competências a desenvolver segundo o PASEO.

Uma imagem por vezes vale mais do que mil palavras e neste caso foi o que pretendi através da apresentação da mesma, embora seja uma imagem chocante, foi uma ferramenta poderosa e bem enquadrada para a reflexão sobre as consequências deste conflito. Esta imagem traz a dimensão humana e real do conflito, pelo que, em vez de falar dos números deste conflito ou da própria geopolítica, utilizei a imagem para fomentar o debate, tendo os alunos expressado o seu respeito pelas vítimas e pela situação no geral e suscitado várias questões sobre o custo humano da guerra, se os direitos humanos estavam a ser violados e como a comunidade internacional estava a intervir.

Os exercícios escritos são também uma forma de avaliar as aprendizagens, no decorrer da aula e são essenciais para identificar dificuldades e corrigir imediatamente estas situações.

A forma mais tradicional de aplicação de exercícios é através da realização de exercícios dos manuais escolares que estão disponíveis de forma acessível para os alunos, no entanto nem todos estes exercícios são os mais indicados ou os que mais promovem o desenvolvimento do raciocínio nem a interligação entre os diferentes aspetos das diferentes matérias.

Tabela 5. Exercícios realizados no 11º ano em forma de tabela sobre as regiões agrárias.

Região Agrária	Morfologia Agrária		Sistema de Culturas				Povoamento	Culturas predominantes / Criação de Gado
	Dimensão das Explorações	Forma / Vedação	Variedade de culturas	Processos de produção agrícola	Rotação de Culturas	Sistema de rega		
Entre o Douro e Minho								
Trás os Montes								
Beira Litoral								
Beira Interior								
Alentejo								
Algarve								
Madeira								
Açores								

Um bom exemplo da falta de riqueza dos exercícios dos manuais escolares é a falta de tabelas de preenchimento que abranjam assuntos extensos, deparei-me com tal situação aquando da leção no 11º ano sobre as regiões agrárias portuguesas, que embora Portugal seja um país em termos territoriais de tamanho médio, acaba por ter uma grande variedade de regiões agrárias com características diferentes entre elas.

Dado que a região agrária envolve a leção durante várias aulas, os alunos acabam por esquecer informações relativas às regiões estudadas anteriormente à medida que as aulas vão avançando. Outra questão a considerar, é o facto de também ser necessário enquadrar as regiões no país e perceber as diferenças de norte para sul e de este para oeste criando uma abordagem mais holística sobre a temática. Assim, decidi, com ajuda do professor cooperante, criar a tabela representada na figura 7 com as diferentes regiões agrárias e as suas características para preenchimento após o término da matéria. Esta tabela permitiu criar uma síntese da informação obrigando os

alunos a resumirem e a organizarem os conhecimentos adquiridos de forma a consolidar a informação.

Uma outra vantagem que encontrei na utilização desta tabela síntese foi o desenvolvimento da memória visual e da lógica, este tipo de tabela permite estruturar a informação de forma clara e comparativa o que facilita o entendimento das diferenças e das semelhanças entre as diferentes regiões.

Questões de V/F

- 1- O processo de absorção é igual em todas as superfícies;
- 2- Superfícies rugosas tendem a ter uma capacidade de albedo superior às superfícies lisas;
- 3- Apenas 40% da radiação solar chega à superfície da terra;
- 4- A atmosfera tem a função de filtrar a radiação solar e como tal tem uma capacidade significativa de 19%;
- 5- A nebulosidade pouco impacta a radiação solar pois as nuvens são apenas vapor de água;
- 6- Os arco íris e o pôr do sol são fenómenos que advêm do processo de absorção.

Figura 7. Exercícios de verdadeiro e falso realizados na turma do 10º ano

Para além dos exemplos anteriores, também utilizei, várias vezes no 10º ano, no caso da matéria sobre a radiação solar, que é bastante complexa para os alunos, exercícios muito simples de verdadeiro e falso, no início de cada aula, de forma a recuperar as aprendizagens da aula anterior e motivar os alunos a manterem-se concentrados na aula que iríamos lecionar (figuras 8 e 9).

Com estes exercícios consegui reforçar e consolidar as aprendizagens dos alunos a longo prazo e avaliar de forma contínua se os alunos compreenderam e assimilaram os pontos chave da aula anterior, funcionou como uma avaliação no início da aula.

Questões V/F

- A difusão é o processo responsável pela existência de arco-íris nos dias em que temos chuva e sol ao mesmo tempo.
 - A absorção é muito mais evidente em matérias de cor escura do que cores claras.
 - A atmosfera é uma camada de gases.
 - Não existe inversão térmica nas camadas da atmosfera.
 - Na troposfera a temperatura vai diminuindo à medida que a altitude aumenta.
 - A radiação solar pode ser aproveitada para promover locais turísticos.
-

Figura 8. Exercícios de verdadeiro e falso realizados na turma do 10º ano

Na realização destes exercícios dado o nível acessível das questões a aderência dos alunos para responderem foi sempre alta, permitindo até criar uma espécie de rotina estabelecendo um ritmo de trabalho mais consistente do que quando começava as aulas a abordar os assuntos através do discurso.

Este hábito de revisão que criei com estes alunos ajudou a que estas aulas sobre a radiação solar fossem mais consistentes e menos aborrecidas, o que acabou por beneficiar não apenas os alunos mas também a criação de um ambiente de sala de aula propício à aprendizagem.

Os trabalhos de grupo, também foram uma das estratégias pedagógicas, que utilizamos e que foram melhor conseguidos comparando aos que realizei no ano em que lecionei sem a prévia realização do estágio. Esta situação, deveu-se ao facto de antes de iniciar os trabalhos de grupo, segui algumas diretrizes sugeridas pelo professor cooperante que me deram mais garantias para o sucesso desta estratégia. Assim, realizamos uma calendarização, com datas para a realização e apresentação dos trabalhos, sendo esta essencial para evitar mal entendidos que levem a atrasos ou à não realização do trabalho dentro dos prazos estipulados.

Com os trabalhos de grupo tentei sempre promover a responsabilidade dentro dos grupos incentivando a gestão do tempo e o espírito de responsabilidade que os elementos deviam de ter para o trabalho ser realizado dentro dos prazos com a melhor qualidade possível. A responsabilidade vem com a autonomia nos trabalhos de grupo, não basta ser responsável com os prazos e com a dedicação ao trabalho é preciso ter autonomia de forma a trabalhar consistentemente e cabe ao professor incentivar a autonomia dos alunos para gerirem o tempo na aula para as pesquisas que têm de realizar.

Ao longo do estágio foi possível acompanhar os trabalhos de grupo da turma do 11º ano sobre o turismo em espaços rurais onde, cada grupo de três elementos, escolheu uma propriedade localizada no interior do país e o objetivo era apresentar aos colegas como funcionava a propriedade, quais os recursos disponíveis, tipo de clientes, que produtos vendiam entre outros aspetos.

A maioria dos alunos escolheu propriedades como quintas no Douro e no Alentejo, que se dedicam ao enoturismo, tendo alojamento, oferta de restauração e venda de experiências relacionadas com a vindima. Neste trabalho os alunos tiveram a liberdade de escolher as propriedades e de se imaginarem como hóspedes numa estadia curta de fim de semana com um orçamento realista. Acabamos assim por promover um grande envolvimento e motivação, por parte dos alunos, que se sentiram mais à vontade para realizar o trabalho já que iriam, de alguma forma, imaginar que estariam a viver tal experiência. Esta situação, constituiu uma prática pedagógica positiva, pois verificamos que quanto mais o trabalho entre pares for em forma de experiência pessoal mais facilmente os alunos tendem a estar motivados para a realização e apresentação dos trabalhos de grupo, permitindo assim a interação e a aprendizagem mútua.

Considerações finais

Este relatório de estágio foi realizado no âmbito da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional do MEG, visando analisar a influência do Estágio Supervisionado na formação de professores. Tratando-se de um projeto de investigação-ação no Ensino de Geografia, o estágio permitiu-me consolidar uma multiplicidade de aprendizagens essenciais para a prática docente do Ensino da Geografia. A vivência na Escola Secundária Augusto Gomes, com um professor experiente e colaborativo, proporcionou-me um contexto privilegiado para integrar saberes teóricos e práticos e ainda refletir criticamente sobre a minha atuação no decorrer do estágio e desenvolver as minhas competências pedagógicas e didáticas que são indispensáveis à profissão docente.

Durante o período de estágio, compreendi que ser professor ultrapassa a dimensão do domínio dos conteúdos teóricos, envolve outras dimensões como o planeamento, a adaptação, criatividade, os desafios educativos e ainda uma constante atitude reflexiva. Ao confrontar-me com diferentes turmas, contextos sociais e desafios, fui obrigado a ajustar estratégias, diversificar recursos e, sobretudo, a adaptar a minha postura na sala de aula ajustando-a às diferentes necessidades dos alunos. Esta capacidade de adaptação e autorreflexão saiu fortalecida através do acompanhamento e das sugestões construtivas do professor cooperante e dos colegas do núcleo de estágio.

A minha experiência prévia de lecionação em Sernancelhe, sem ter realizado o estágio pedagógico, também assumiu um papel determinante na minha formação. Ao confrontar estas duas realidades, uma sem supervisão e uma prática apoiada, refletiva e colaborativa, verifiquei que, enquanto a experiência em Sernancelhe foi marcada por imprevisto, incerteza e alguma solidão profissional, a experiência na ESAG revelou-se como um verdadeiro laboratório onde foi possível errar, corrigir e experimentar diferentes abordagens com segurança.

Importa, também, destacar que o estágio proporcionou não apenas uma aprendizagem técnica, mas também emocional e ética. Enfrentei dúvidas, soube

acolher críticas e repensar práticas nos momentos após as aulas, o que se tornaram momentos centrais na construção da minha identidade docente. O convívio diário com os alunos, os colegas e o professor cooperante ajudou-me a entender melhor o papel social do professor como um agente transformador e mediador de aprendizagens.

O estágio permitiu ainda um contacto aprofundado com a cultura escolar, os documentos orientadores, as práticas avaliativas e a gestão curricular, contribuindo para a minha formação como um profissional mais consciente das exigências do sistema educativo português. A realização de tarefas, como o preenchimento de sumários, elaboração das chamadas, dos planos de aula, uso do diário de bordo, reposicionamento dos alunos na sala de aula, movimentação na sala de aula e a participação em reuniões e atividades na escola ampliaram a minha visão sobre o trabalho do docente como um todo.

Concluo, portanto, que o estágio pedagógico supervisionado é muito importante para a formação dos docentes que sem ele demorarão muito mais tempo a compreender e a exercer a profissão docente na sua plenitude. O estágio foi, portanto, uma etapa de transição entre o ser estudante e o ser professor, dando sentido prático aos conhecimentos teóricos adquiridos na licenciatura e no mestrado. Foi, sobretudo, um tempo de crescimento, de descoberta e de afirmação vocacional, onde compreendi que o ensino é uma profissão em constante evolução que exige dedicação, atualização contínua e, acima de tudo, paixão por ensinar.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. (2003), *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Andrade, M. C. (1994), *Geografia, ciência da sociedade: ciência da ação*. São Paulo: Atlas.
- Andrade, M. C. (1977), O pensamento geográfico e a realidade brasileira. *Boletim Paulista de Geografia*, [S. l.], n. 54, p. 5–28.
- Andrade, M. M. (2005), *O estágio na formação de professores: lugar de construção da identidade docente*. Lisboa: EDUCA,.
- Callai, H. C. (2006), *O ensino de Geografia: práticas e textualidades no espaço escolar*. Porto Alegre: Editora da UFRG.
- Contreras, J. d. (2002). *Autonomia de professores*. Lisboa: Plátano Editora.
- Day, C. (1999). *O desenvolvimento profissional dos professores: os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editio.
- Dewey, J. (2007). *Experiência e educação*. São Paulo: Martins Fontes,.
- Feldkercher, N.A. (2009). Formação de professores e prática docente: o estágio supervisionado como espaço de reflexão. In: Pimenta, S Garrido; Lima, M. S L. (org.). *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, p.?.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- García, C.. (1999) .*Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora..
- Imerbón,F. (1994). *Formar professores para a mudança educativa*. 3ª ed. São Paulo: Corte.
- Martins, M.G.. (2015). *O estágio como espaço de reflexão: formação e identidade docente*. Lisboa: Edições Colibri.

- Nidelcoff, M. R (1985).. *O que é ser professor: os sentidos sociais e individuais da docência*. São Paulo: Brasiliense..
- Nóvoa, A. (1995). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Oliveira, D. A.& Cunha, M. I. (2006). *Formação de professores: aprender a docência*. Belo Horizonte: Autêntica..
- Perrenoud, P. (2012 a). *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre: Artmed.
- PerrenoudO. (2012 b). *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Pimenta, S. G. (2004). *Estágio supervisionado: uma perspectiva crítica e reflexiva*. 6ª ed. São Paulo: Corz.
- Pimenta, S.G. (2014). *Estágio supervisionado: uma perspectiva crítica e reflexiva*. 7ª ed. São Paulo: Cortez..
- Pimenta. G. & Lima, M. S. L.(2005) *Estágio e docência*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- Queirós, P. (2014). Da formação à profissão: O lugar do estágio profissional. In P. Batista, A. Graça & P. Queirós (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em educação física*. Porto: Editora FADEUP, pp. 67-83.
- Schaffer,R. H: (2011) *A cartografia escolar: o uso do globo no ensino de Geografia*. São Paulo: Papirus,.
- Schon, D. A. (1983). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Silva, M.A. (2007).*Alfabetização cartográfica na escola*. São Paulo: Contexto..
- Souza, E. & Barbosa, T. (2021). Articulação teoria-prática: o estágio supervisionado na formação docente em Geografia. *Revista Brasileira de Ensino de Geografia*, v. 9, n. 1, p. 45-60..
- Silva, P. R. (2016). *Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores: desafios e possibilidades*. Curitiba: CRV.
- Tardif, M. (2014). *Saberes docentes e formação profissional*. 14ª. ed. Petrópolis: Vozes.

Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.

Vygotsky, Lev S. (1996). *A formação social da mente*. 7ª, ed. São Paulo: Martins Fontes.

Wallon, H. (2011). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Livros Horizonte.

Zabalza, M. Á. (2013). *Diário de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed.